



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS PARAÍBANAS: A  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E AFIRMAÇÃO DA  
CIDADANIA

Guarabira – PB  
Novembro/2014

DAMIÃO CAVALCANTE DO NASCIMENTO

HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS PARAÍBANAS: A  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E AFIRMAÇÃO DA  
CIDADANIA

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Graduação em História, da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba – Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Grau de Licenciado em História, sob orientação do Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Guarabira – PB  
Novembro/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244c Nascimento, Damião Cavalcante do  
Histórias de mulheres negras paraibanas [manuscrito] : a  
construção da identidade negra e afirmação da cidadania / Damiao  
Cavalcante Do Nascimento. - 2014.  
95 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Seleção, 2014.  
"Orientação: Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de  
História".

"Colaboração: Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: A  
Construção da Identidade Negra e Afirmação da Cidadania".  
1. Mulheres Negras. 2. Construção da Identidade Negra. 3.  
Afirmação da Cidadania. I. Título.

21. ed. CDD 981

# HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS PARAÍBANAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA

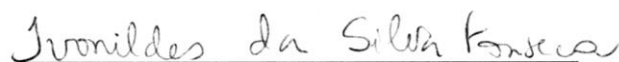
Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Graduação em História, da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba – Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Grau de Licenciado em História, sob orientação do Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

## BANCA EXAMINADORA



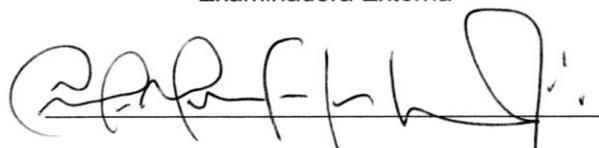
Professor. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (UEPB/DH)

Orientador



Professora. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (UEPB/DE)

Examinadora Externa



Professor. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima (UEPB/DH)

Examinador Interno

As mulheres negras paraibanas e brasileiras em especial as  
Professoras Lúcia de Fátima Júlio e Maria do Socorro Gomes  
Silva. **Dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus (Oxalá), por ter me dado saúde, paz, e condições de concluir este trabalho monográfico;

À minha mãe, ao meu pai, e meus irmãos pelo estímulo e apoio;

À Diana (namorada) pelo apoio sempre dado;

Ao Orientador, Professor Waldeci Ferreira Chagas, não só pela orientação, mas também pela paciência grandiosa, dedicação e carinho, e por acreditar em mim e no meu potencial acadêmico;

Aos meus colegas e amigas do Curso de História, pelas vivências, emoções compartilhadas, e aprendizado, em especial, Roberto, Valter, Gutemberg, Cristiano e Ducilene;

Aos demais colegas, Marbia, Micarla, Marli, Katiuscia, Graça, Marines, Renan, Levi, Graça, Edjamara, pessoas perseverantes que conseguiram chegar até ao final do curso, e com os quais aprendi bastante neste percurso de minha vida;

Aos Professores (as) (os alicerces de minha formação) em especial, Waldeci Ferreira Chagas, Eltern Campina Vale, Carlos Adriano, Flávio Carreiro de Santana, Azemar dos Santos Soares Júnior e as Professoras Susel Oliveira da Rosa, Ivonildes da Silva Fonseca, Alômia Abrantes, Simone Joaquim Cavalcante, Paula Rejane, entre outros (as) pelos conhecimentos concedidos e passados nas aulas e, pelas belíssimas palavras proferidas, as quais me fizeram acreditar em mim, sobretudo, na minha capacidade;

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta e/ou indiretamente para a conclusão deste trabalho monográfico e do Curso de História;

Ademais sou grato a todos, em especial as Professoras Lúcia de Fátima Júlio e Maria do Socorro Gomes Silva, pelas entrevistas concedidas.

## Resumo

Nesta pesquisa nos dispomos a analisar a história de vida de mulheres negras paraibanas que estão em certos espaços de poder da sociedade brasileira. Com isso recorreremos à história oral e buscamos compreender as suas trajetórias, caminhos e percalços trilhados por elas na Paraíba para obter formação superior em determinadas áreas do conhecimento, além de atentar para a construção da identidade negra entre mulheres negras no século XX na perspectiva de compreender os percursos que fizeram para adquirir sua formação e se inserir no mercado de trabalho em um período em que não havia nenhuma política pública para as populações negras e por conseguinte a inserção dessas mulheres negras com formação superior no mercado de trabalho. No entanto, nos limitamos às mulheres negras que residem na cidade de Alagoa Grande, essas personagens ingressaram na universidade pública em diferentes cursos, se qualificaram e acessaram o mercado de trabalho como professoras. Logo, o nosso interesse é a trajetória de vida delas. Assim buscamos compreender como superaram as barreiras encontradas, sobretudo, o preconceito racial e de gênero e ascenderam socialmente, saindo da condição de marginalizadas e como elas construíram ou não suas identidades de mulheres negras e se afirmaram cidadãs frente às barreiras encontradas e como agiram.

**Palavras-chave:** Mulheres negras; construção da identidade negra; afirmação da cidadania.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
CAPITULO I – HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA.....	14
CAPITULO II – CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	34
2.1. - CAMINHANDO COM A HISTÓRIA ORAL .....	36
CAPITULO III – AS MULHERES NEGRAS PARAIBANAS.....	43
3.1. - MULHERES NEGRAS, sujeitos da história .....	46
3.2. - ALGUMAS REFLEXÕES .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	60
ANEXOS .....	63
ANEXO 1.....	63
ANEXO 2.....	80
ANEXO 3.....	94
ANEXO 4.....	95



## 1- INTRODUÇÃO

A partir do século XX a produção historiográfica começou a ganhar novos rumos, e estes estiveram relacionados à ascensão de novos agentes sociais, cujas demandas possibilitaram transformações nas sociedades. No campo do saber historiográfico pesquisadores (as) passaram a discutir questões até então concebidas como de pouca importância na história<sup>1</sup>, a exemplo da cidadania, e da construção da identidade das mulheres, entre elas as mulheres negras.

Dessa feita, o interesse pelas “novas” temáticas está diretamente relacionada às demandas sociais e políticas pautadas pelo movimento de mulheres, movimento negro e movimento gay nas sociedades contemporâneas do século XX. É nesse contexto marcado pela construção e reconstrução de identidades, assim como de espaços políticos que as pesquisas sobre as mulheres passaram a fluir nas academias.

Inserido nesse debate, nos dispomos nesta pesquisa a analisar a história de vida de mulheres<sup>2</sup> negras paraibanas que estão em certos espaços de poder da sociedade brasileira. Esse espaço é por excelência a educação. A opção pelo segmento mulher negra e professora se deve ao fato de desde 2000 está em pauta no Brasil as políticas de ações afirmativas para as populações negras. Desde a efetivação dessa política em vários setores da sociedade, a exemplo da saúde, educação, moradia, emprego e renda, o debate acerca do enfrentamento ao preconceito racial está na ordem do dia. No entanto, no campo da educação, as cotas para negros (as) nas universidades públicas ganhou visibilidade, o que fez

---

<sup>1</sup> Ver BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989): a revolução Francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. A partir da *Escola dos Annales* o quadro das pesquisas históricas foi renovado e ampliado, pois ao abrir o campo da História de forma interdisciplinar para os mais diversos estudos de atividades humanas até então pouco ou não investigadas começou a romper o modelo de uma única história buscando referenciais nas Ciências Sociais (História, Sociologia, Psicologia, Economia, Antropologia, Geografia humana, entre outras). Assim dentre as gerações dos *Annales* a terceira foi a que começou a abrir o leque de possibilidades para a história. “ A terceira geração é a primeira a incluir mulheres”, e concomitantemente a história das mulheres, escrita por Michèle Perrot (p.79). nesse contexto a “*Nova História*”, proporcionada pela terceira geração na qual, toda atividade humana é considerada história e estudo da história, muitas possibilidades de novas pesquisas, abordagens, métodos e conceitos são abertas e espandir o campo da história nas diversas áreas do conhecimento. “ O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais” (p. 126).

<sup>2</sup> 14 de dezembro de 2012. Entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Júlio, da cidade de Alagoa Grande-PB. Também ocorreu no dia 14 de dezembro de 2012, a entrevista com a Professora Maria do Socorro Gomes Silva, da cidade de Alagoa Grande-PB.

com que as políticas de ações afirmativas para as populações negras tenha se resumido a esse item.

Fizemos referência a essa política, porque ela está relacionada aos sujeitos com quem dialogamos, ou seja, as mulheres negras<sup>3</sup>. As interlocutoras que entrevistamos nasceram na Paraíba, nas cidades de Santa Rita (Lúcia de Fátima Júlio) e Alagoa Grande (Maria do Socorro Gomes Silva) entre as décadas de 1950/1960; mas ambas foram criadas na mesma cidade, ou seja, Alagoa Grande, num período em que não havia nenhuma política pública para as populações negras. No entanto, essas personagens ingressaram na universidade pública em diferentes cursos, se qualificaram e acessaram o mercado de trabalho como professoras.

Logo, o nosso interesse no percurso que fizemos nessa pesquisa é a trajetória de vida dessas professoras; mulheres negras que nasceram e estudaram na sociedade paraibana dos anos 1950/1960/1970/1980. Assim buscamos compreender o percurso que elas trilharam até ingressarem no ensino superior, concluírem um curso e conseqüentemente terem acessado o mercado de trabalho.

Dessa feita, a problemática que norteou a pesquisa foi como essas mulheres superaram as barreiras encontradas na sociedade, sobretudo, o preconceito racial e de gênero e ascenderam socialmente, saindo da condição de marginalizadas. A profissionalização é fruto individual ou elas contaram com algum apoio, visto que na época não havia política pública que garantisse as pessoas negras o direito de frequentar a universidade?

No percurso que tais mulheres negras percorreram na sociedade paraibana dos anos 1950/1960/1970/1980, como elas construíram ou não as suas identidades de mulheres e de negras? Que barreiras enfrentaram e como conviveram com tais barreiras? Negaram-se? Afirmaram-se? Discutir sobre essas questões é pertinente porque possibilita que façamos algumas incursões acerca do lugar que a sociedade brasileira um dia determinou como sendo o das mulheres, e das mulheres negras.

Desde a transição do século XIX/XX as mulheres vem buscando diferentes formas, meios e mecanismos de inserção social, cultural, política, econômica, entre outras. Ou seja, elas vêm se afirmando sujeitos da história e por extensão cidadãs. Ao longo desse percurso se profissionalizaram se intelectualizaram em diferentes

---

<sup>3</sup> Ver entrevista nos anexos, assim como as fotos de Lúcia e Socorro.

espaços<sup>4</sup> de produção do conhecimento, mesmo que tais espaços, a exemplo das universidades nem sempre tenham as considerados capazes de lá estarem, elas estiveram e estão.

Nas relações sociais, o fato de ser mulher negra ainda é um peso, sobretudo, quando a questão é o acesso ao mercado de trabalho qualificado e competitivo. Do ponto de vista profissional e salarial, as mulheres negras ainda estão em desvantagens nas disputas com os homens brancos, homens negros e mulheres brancas.

As mulheres negras com quem dialogamos nesta pesquisa ascenderam intelectual e profissionalmente, ou seja, se constituíram nesse meio cidadãs e professoras. Ao se afirmarem como tais e, assim ocuparem lugares de poder na sociedade estão livres do preconceito? São reconhecidas capazes de? Como elas se enxergam na sociedade e como procedem à frente do preconceito racial?

Para desvendar essa questão trabalhamos com a história oral<sup>5</sup>, pois este é um dos instrumentos de pesquisa histórica que se utiliza das narrativas de memórias, ou seja, recorre aos registros do tempo vivido para escrever a história dos sujeitos em diferentes tempos e espaços. Recorremos a metodologia da história de vida, pois acreditamos que esse método possibilita ao interlocutor reinventar a memória e trazer à tona fragmentos daquilo que lhes marcou e foi importante.

Assim como o ato de narrar a sua história é seletivo, acreditamos que as mulheres negras com quem dialogamos tenham ocultado fatos; não enunciados, embora muitos fatos tenham sido lembrados; uma vez que pensamos a memória como processo seletivo e não o revelador da história tal qual aconteceu.

Por sua vez não podemos prescindir do ato de que falar de si é antes de tudo subjetivo. Nesse sentido, o dia, a hora, o momento, assim como o ambiente onde a entrevista fora realizada, o entrevistador; tudo interferem no que o (a) interlocutor (a) revelará ou não.

Nesse sentido, corroboramos com a perspectiva de compreensão da memória como elemento de sobrevivência de determinados momentos do passado,

---

<sup>4</sup> Como professoras de História (Socorro) e Geografia, (Lúcia).

<sup>5</sup> Ver MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1999b. Aborda o caráter singular da memória ao qual é construída a partir do presente, assim cada entrevista tem seus significados próprios.

experiências, saberes, práticas culturais, sociais, entre outros que influenciam constantemente a vida contemporânea das interlocutoras.

Todavia, observamos as representações<sup>6</sup> construídas, reconstruídas e diariamente enunciadas como práticas culturais, as quais são carregadas de valores e emoções comumente invisibilizados. Nesse percurso atentamos para as formas de preconceitos e discriminações vivenciadas pelas mulheres, além de identificarmos os estereótipos evidenciados ou não. Assim desvencilhamos fragmentos do universo de 02 (duas) mulheres negras paraibanas a partir das suas histórias de vida, visto serem as suas narrativas partes de uma história que ainda está por ser evidenciada e desse modo contribuimos para a escrita da história da Paraíba, na perspectiva das mulheres negras.

O espaço que a mulher negra ocupa na sociedade ainda a torna desigual em relação aos demais segmentos sociais, pois desde o fim da escravidão elas foram deixadas a margem e sobreviveram às próprias expensas.

Por isso, atentar para a trajetória de vida de mulheres negras na Paraíba do século XX é relevante, visto buscarmos desvendar suas perspectivas de vida, medos, anseios, assim como estratégias de inserção social ao longo do século XX. Mesmo com os mecanismos de exclusão as vistas, algumas mulheres se sobressaíram, o que decorreu de suas capacidades de reinventarem-se, e atualizassem-se. Todavia, não se livraram do racismo ainda evidente na sociedade brasileira e o responsável pela exclusão de muitas delas.

Sendo assim, o presente trabalho monográfico está dividido em três capítulos, que, apesar da divisão, apresentam relações entre si. Desse modo, no primeiro capítulo abordamos história e historiografia das mulheres negras, ou seja, a história das mulheres que tem sido discutida por alguns pesquisadores (as) dos diversos campos do conhecimento e ainda várias questões abordadas com relação as mulheres negras. No segundo capítulo trazemos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa, e a história oral no qual optamos em expor como desenvolvemos nosso trabalho. Também fazemos menção a alguns conceitos chaves do qual nos apropriamos, como o conceito de memória e de identidade. No terceiro capítulo dedicamos especificamente ao nosso objeto de

---

<sup>6</sup> São maneiras de pensar e interpretar a realidade cotidiana que é atribuída principalmente a posição que as pessoas ocupam na sociedade, a alguém ou alguma coisa. Ou seja é (re) apresentar o que se pensa sobre o(a) outro (a).

estudo – as mulheres negras paraibanas, ou seja, as entrevistadas, mulheres negras paraibanas, residentes na cidade de Alagoa Grande-PB, assim abordamos a fala de nossas interlocutoras, analisando-as.

## CAPÍTULO I

### 1. - HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA

A história das mulheres tem sido discutida por pesquisadores (as) dos diversos campos do conhecimento e várias questões são abordadas. Nesta pesquisa dialogamos com alguns destes (as) pesquisadores (as) e nesse exercício convergimos e divergimos em alguns aspectos na análise sobre a mulher. Embora a temática desta pesquisa seja semelhante à dos pesquisadores (as) com quem dialogamos divergimos quanto à abordagem, visto que analisamos a mulher a partir da perspectiva étnico-racial<sup>7</sup>; assim nos preocupamos com a trajetória de vida de professoras negras.

Apesar de estabelecermos o diálogo com vários (as) pesquisadores (as) das ciências humanas a discussão não se esgota, sobretudo, porque a cada ano novas perspectivas de abordagens surgem na academia, a exemplo da perspectiva cultural, de gênero, social, política e econômica. No entanto, a história das mulheres negras não é uma discussão recente, pois está na ordem do dia a alguns anos, ou seja, desde o início do século XX e permanece na contemporaneidade. Tal temática se propagou na academia devido à demanda da sociedade civil organizada, que através dos movimentos de mulheres, movimentos feministas<sup>8</sup> e movimentos negros passou com veemência a reivindicar da sociedade mudanças até então não pensadas pelos movimentos sociais.

Logo, discutimos alguns trabalhos, cujos (as) autores (as) dedicaram atenção a analisar como as mulheres negras são vistas e atuam na sociedade na contribuição da quebra do preconceito, racismo, sexismo<sup>9</sup>, relações de gênero, entre

---

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que deixamos a grafia da palavra étnico-racial dessa forma mesmo depois do novo acordo ortográfico separada por hífen, pois se trata de um adjetivo composto formado pela coordenação de dois adjetivos (étnico e racial).

<sup>8</sup> No fim do século XIX as mulheres lutam e reivindicam por direitos como o voto, divórcio, educação e trabalho. Já no século XX, as mulheres lutam pela liberação sexual e na segunda metade do século XX, se organizam para conquistar espaços na área da educação e do trabalho. Desde então elas vem lutando e conquistado seus direitos na luta contra a violência às mulheres e pelo princípio de que os gêneros são diferentes, mas não desiguais, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais. Para um balanço sobre o movimento feminista no Brasil e na Bahia, ver COSTA, Ana Alice Alcântara. As donas do poder. Mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA, 1998.

<sup>9</sup> O termo destina-se sobre os papéis sociais, culturais e linguísticos destinados a homens e mulheres. É também uma forma de discriminação, que conduz à subalternização, à marginalização ou mesmo à exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo. Resulta, no fundo, da tendência para estabelecer estereótipos pretensamente fundamentados na Biologia, reflete a forma como o poder é distribuído e quais os grupos com acesso ao discurso definidor de identidades. Com os

outros aspectos. Acerca disso, são relevantes as considerações de Silvana Veríssimo (2008), visto chamar a atenção para as mulheres negras. Na análise empreendida mostra que as mulheres negras ao chegarem ao Brasil na condição de escravizadas resistiram aos abusos, e conquistaram a liberdade. No entanto, não tiveram seus direitos sociais assegurados.

No processo de resistência desencadeado pelas mulheres negras, elas saíram às ruas como vendedoras de artigos necessários ao sustento das famílias brancas. Esta pesquisadora trata das mulheres negras na contemporaneidade e discute os desafios enfrentados por elas, principalmente o racismo, machismo<sup>10</sup> institucional, entre outros tipos de preconceitos. Nesse contexto, pontua a falta de políticas públicas e as desigualdades sociais como mantedoras do racismo<sup>11</sup> que atinge as populações negras em especial as mulheres. Como afirma essa pesquisadora, “diversos indicadores disponíveis mostram que as condições de vida dos negros são muito inferiores aqueles dos brancos: ganham menos, habitam em áreas mais precárias, e tem menos acesso à educação, etc.”. (VERÍSSIMO, 2008, p. 1).

Essa pesquisadora ainda mostra que os processos pelos quais as pessoas negras passam está submetido e é caracterizado ou demarcado pela criminalidade, mortalidade, desemprego, e as precárias condições de moradia e saúde. Dessa forma, os (as) negros (as) são discriminados (as) principalmente as mulheres, uma vez que não são reconhecidas até mesmo pela história oficial. Quanto ao mercado de trabalho a mulher negra ocupa os piores postos<sup>12</sup> mesmo tendo conquistados

---

estudos sobre as mulheres, desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX, se percebeu o lugar dado as mulheres. Viu-se também a posição relegada as mulher na forma biológica, ligada a maternidade, exclusão e a subalternização das mulheres no mundo as afastando da participação ativa na construção da sociedade como um todo.

<sup>10</sup> O machismo está ligado as atitudes e idéias que coloca o sexo masculino em um patamar elevado na sociedade, subjugando o sexo feminino e não admitindo a igualdade de direitos para o homem e a mulher, ou seja, dá apenas privilégios aos homens, assim se mantém a crença na inferioridade da mulher.

<sup>11</sup> O racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre as pessoas. É uma doutrina manifestada a partir do olhar eurocentrico, em categorizar uma suposta raça inferior paltada pelas características físicas ( cor da pele,tipo de cabelo, entre outros, ou seja um conjunto anatômico), e posteriormente veio a se tornar as bases teoricas assentadas na filosofia ocidental, notadamente a partir do século XIX.

<sup>12</sup> Olhar o: Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.]. - Brasília: Ipea, 2013. 160 p.: gráfs, tabs. Trata do “retrato” das condições de vida das mulheres negras no Brasil e mostra a situação da sociedade brasileira da discriminados de gênero e etnia, assim faz análises sobre as diferentes realidades sociais como: “educação, mercado de trabalho, economia do cuidado, pobreza e desigualdade de renda, vitimização e acesso à justiça”. (p.13).

maior espaço sua remuneração ainda é inferior aos demais segmentos sociais, desse modo a desigualdade ainda se mantém. Neste sentido a participação da mulher negra na economia não é mostrada, e ela é negada como sujeito economicamente ativo. Além de ativas no mercado de trabalho, as mulheres negras também são chefes de família, o que faz com que a luta diária pela sobrevivência seja constante.

No que diz respeito à saúde Veríssimo (2008) afirma que “a precariedade do sistema de saúde atinge particularmente as mulheres negras, em razão de ser, majoritariamente, dependente do SUS – Sistema Único de Saúde” (VERÍSSIMO, 2008, p. 3). Ainda atenta para o alto índice de analfabetismo, a evasão escolar e preconceito nas salas de aula, sofridos pelas mulheres negras. Afora isso, os meios de comunicação de massa influenciam na construção de estereótipos que se estabelecem no imaginário da sociedade. Tais estereótipos<sup>13</sup> contribuem para a depreciação da mulher negra no mercado de trabalho, no plano educacional e afetivo (VERÍSSIMO, 2008, p. 4).

Dentre os tantos problemas que as mulheres negras enfrentam, a violência é uma realidade e um instrumento responsável pela desigualdade, e se evidencia nos locais de trabalho através dos assédios sexuais, agressões, entre outros. Todavia Veríssimo (2008) coloca que o fato de as mulheres negras em sua maioria se encontrarem em condição econômica e educacional desfavorável contribui para a manutenção e reprodução da violência. Contudo, afirma que as mulheres negras não são coadjuvantes, mas agentes sociais e como tal lutam por direitos “através de várias mobilizações conjuntas. Nesse sentido, a crescente participação em conferências, tanto nacionais como internacionais, atestam que as vozes femininas negras começaram a ecoar” (VERÍSSIMO, 2008, p.5).

É importante ressaltar a obra de Solange Pereira da Rocha (2009), pois trata da luta pela cidadania do povo negro. Assim esta pesquisadora faz um percurso pelo período oitocentista para entender a vida das mulheres e dos homens negros no Nordeste e na Paraíba em meio a escravidão e liberdade, suas estratégias e lutas contra a escravidão. Dessa forma, mostra como ocorreu o processo de emancipação

---

<sup>13</sup> Entendemos como as generalizações atribuída as mulheres negras, que comumente as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais tipos de indivíduos, especialmente sobre s mulheres negras quanto as suas características externas como a aparência, cabelos, cor da pele, roupas, condição financeira, comportamentos, cultura, sexualidade isso geralmente causa impactos negativos nas pessoas, geralmente levados por toda a sua vida.



e a busca pela liberdade do povo negro e das mulheres negras, aborda ainda a discriminação e racismo social que o Brasil e em especial na Paraíba ocorria e até a atualidade ocorre desenfreadamente.

No diálogo com os (as) pesquisadores (as) são pertinentes às considerações de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2011) visto abordar a mulher negra intelectual. Na trama tecida traz a condição da mulher negra no campo do saber e a relação com os meios de divulgação deste. Como a mulher negra é vista ou reconhecida enquanto intelectual, por isso, esta pesquisadora no percurso que fez sobre a história da mulher no Brasil percebeu a subalternização destas, além de sua invisibilidade, logo não eram reconhecidas como sujeitos ativos de conhecimento. Deste modo salienta que a mulher negra no Brasil só começou a ter visibilidade a partir de 1970 – 1990, principalmente por causa do movimento das mulheres negras<sup>14</sup>, mas ainda com certas restrições.

A partir do final do século XX e início do século XXI os estudos sobre as mulheres negras no Brasil cresceram e diversas abordagens vieram à tona. O trabalho de Pacheco (2011) está inserido nesse processo. Na sua pesquisa esta autora analisa sobre a vida de uma intelectual negra, e percebe a discriminação que lhe é determinada, mesmo sendo essa mulher negra uma intelectual. Na trama que tece Pacheco narra à história de vida de Mahin (nome fictício da entrevistada) e demonstra os conflitos que esta enfrentou no meio acadêmico, e a solidão afetiva que lhe foi imputada. Segundo Pacheco na vida de Mahin:

Os fatores de gênero – raça e geração (a filha mais velha) lhe possibilitou estudar, mesmo com sacrifícios, a se tornar uma intelectual; porém, por outro lado, a posição que experimentara enquanto uma mulher negra de prestígio, a impediu de ter

---

<sup>14</sup> O MMN surgiu na década de 1980, na busca pela afirmação dos Direitos Humanos das mulheres negras brasileiras, e ainda suas ações e debates dos grupos de mulheres e de mulheres negras (ONGs, conselhos, comissões) precedido pela visibilização das condições específicas das mulheres negras e na luta para a elaboração de políticas públicas específicas nas áreas como da educação, da saúde, do trabalho, da sexualidade, contra todos os tipos de violência, visando enfrentar as desigualdades sociais, as raciais e as de gênero que colocam as mulheres negras em situação inferior no atendimento das suas demandas na sociedade brasileira em relação às mulheres e homens brancos e homens negros. A esse respeito ver: CARVALHO, Rayssa Andrade; ROCHA, Solange Pereira. Movimento de mulheres negras e a luta pela afirmação dos direitos humanos no Brasil In: Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012. Ver também: RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o estado brasileiro In: Psicologia & Sociedade; 22 (3): 445-456, 2010.

relacionamentos afetivos estáveis com seus parceiros (PACHECO, 2011, p.12).

Mesmo com todas as dificuldades que encontrou pelo caminho Mahin não desistiu, seguiu adiante. Nessa perspectiva Pacheco (2011) destaca que as mulheres negras ainda são subalternizadas, mas algumas a exemplo de Mahin aprenderam a falar sobre as questões raciais, as desigualdades e de gênero, e apesar do preconceito tais mulheres negras se intelectualizaram e fizeram dessas questões temas de estudos e de suas falas. Por isso, esta pesquisadora as coloca como agentes sociais críticas, transformadoras, por elas terem se sobressaído em meio a uma realidade predominantemente preconceituosa e desigual.

Acerca dessas questões as análises de Bell Hooks (1995) são relevantes em função de essa pesquisadora atentar para as condições em que as mulheres negras estão inseridas, visto a sociedade geralmente não reconhecer os trabalhos de mulheres negras intelectuais<sup>15</sup>. De certa forma tais mulheres não são vistas como intelectuais e sim como ativistas políticas. Por isso, essa pesquisadora chama a atenção para as formas de marginalização, e aponta ainda o fato das pessoas negras terem vindo de condições sociais desfavoráveis. Logo, essa condição é posta como responsável pelo não reconhecimento das mulheres negras como intelectuais.

Segundo Hooks (1995) as hierarquias raciais, sociais, sexistas e de gênero, entre outros, determinam o lugar das mulheres negras na sociedade. Como estas estão nos meios acadêmicos acabam desqualificadas. “O sexismo e o racismo perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (HOOKS, 1995, p. 468). Desta feita, esta pesquisadora coloca que as mulheres negras não são vistas por sua capacidade intelectual, mas principalmente pelo corpo. Afirma que é preciso mudar com essa forma de racismo que atinge toda sociedade e em especial as mulheres negras, pois mesmo capacitadas para estarem em determinados lugares sociais e acadêmicos não são reconhecidas como tais.

---

<sup>15</sup> FERREIRA, Nathalia Bezerra da Silva. In: Anais da Conferência Internacionais sobre os Sete Saberes. 21 – 24 de setembro 2010. Esta pesquisadora analisa o difícil acesso das mulheres ao longo da história ao ensino superior e as possíveis causas que ocasionaram ou não a exclusão das mulheres no ensino superior através de uma contextualização histórica no exterior e no Brasil. Assim percebe o processo histórico do ingresso da mulher no ensino superior e as várias causas do árduo caminho percorrido, além dos atuais desafios das mulheres na universidade brasileira.

Hooks (1995) aponta que comumente o sistema de dominação desumano produzirá no imaginário coletivo, o aspecto negativo das mulheres<sup>16</sup> negras e estas são vistas como incapazes.

Nesse sentido aponta que para se compreender o imaginário negativo acerca da mulher negra, é preciso levar em conta as condições em que as mulheres negras vivem e os impactos de gênero entre as representações acerca delas. Contudo ainda existe um longo caminho a ser trilhado e desconstruído no que diz respeito à mulher negra, de modo que seja concebida como corpo e mente.

Outra pesquisadora relevante é Eliane Almeida de Souza (2008) visto atentar para a sociedade brasileira, e percebe nela marcas de preconceitos e discriminação em todas as esferas sociais, além da exclusão da mulher negra. Nessa perspectiva chama a atenção para a necessidade de implementação de políticas públicas que contribuam com a equidade social, pois as questões como saúde, desemprego, violência ainda são grandes entre as mulheres negras. Com isso esta pesquisadora mostra que a Lei Áurea<sup>17</sup> só foi um engodo, pois após ela as pessoas negras ficaram abandonadas e excluídas da sociedade brasileira, assim 1888 foi um caso banal como afirma: “Neste dia, foi assinado a Lei Áurea, na qual a comunidade negra passou a viver um processo de descaso e marginalidade, tendo seus reflexos presentes até nossos dias”. (SOUZA, 2008, p. 1).

Nesse contexto ainda afirma que.

Na prática, temos uma nação brasileira no anonimato, com serias dificuldades de se reconhecer e valorizar como oriunda dessa diáspora, assumindo valores e atitudes de um não pertencimento, como algo a esconder a ser abordado de forma negativa como tudo que parece originar o berço africano, como resultado dessas ações:

---

<sup>16</sup> Ver RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. In: Dossiê Identidades Nacionais. N.2 – outubro/novembro 2006. Organização: Glaydson José da Silva. Analisa o peso usual da sexualidade na construção da identidade brasileira, característica que foi reforçada por parte da historiografia brasileira e também da literatura, enraizando até os dias de hoje. Esta pesquisadora questiona o lugar que foi conferido a sexualidade a partir de obras que contribuíram para a formação de uma identidade estereotipada, por isso pretende fazer uma desconstrução nesse modelo historiográfico criado.

<sup>17</sup> A Lei Áurea de 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu de certa forma a escravidão no Brasil. Num domingo, a 13 de maio de 1888, dia comemorativo do nascimento de, foi assinada pela bisneta de D. João VI, Dona Isabel, princesa imperial do Brasil, essa lei aboliu a escravatura no Brasil. Contudo não deu meios nem criou mecanismos para a inserção dos (as) negros (as) na sociedade e nos diversos espaços como por exemplo no mercado de trabalho, na questão da saúde, escolaridade, e assistência as pessoas negras.

discriminações, dores, violências e formas correlatas de exclusão (SOUZA, 2008, p. 2).

Dessa forma Souza chama a atenção para as formas de discriminação que atinge a população negra, mais especificamente, a mulher negra, na educação, visto ser muitas vezes camuflada como evidência: “é o universo escolar, grande responsável pelos índices de evasão e repetências” (SOUZA, 2008, p. 3).

O desemprego é outra fase já que após a escola vem o mercado de trabalho e o povo negro é quem mais sofre, pois, “é no mercado de trabalho que estes sujeitos encontram as maiores dificuldades sociais”. (SOUZA, 2008, p. 4). Aponta o racismo como vilão da inserção dos (as) negros (as) no mercado de trabalho e ainda ressalta que “na divisão por sexo, percebe-se nitidamente que a mulher fica em desvantagem um pouco mais da metade do percentual de homens, elucidando assim duas formas de preconceito: gênero e etnia” (SOUZA, 2008, p. 24).

Souza (2008) mostra também o fato do acesso ao serviço de saúde se diferenciar entre pessoas negras e brancas, isso acarreta alguns problemas para o povo negro desde o pré-natal, seguido de mortalidade infantil de crianças negras entre outros. Com relação à violência esta pesquisadora afirma que está presente na vida das pessoas negras e em todos os lugares como: na vida familiar ou doméstica. Nesse espaço a mulher ainda sofre a violência psicológica, sexual, além de maus tratos que atinge principalmente as mulheres negras.

Outro trabalho relevante é o de Nilma Lino Gomes (1996), na sua pesquisa sobre a mulher negra, ressalta a sua vivência, desde o contexto escolar. No percurso que fez percebeu questões ligadas ao racismo de gêneros na escola e evidenciou que as professoras muitas vezes estavam desatentas a questão da alteridade<sup>18</sup>. Esta pesquisadora faz um apanhado do imaginário social e das concepções existentes, ainda abordou diversos valores da cultura que tende em legitimar as práticas de discriminação, assim percebeu ideologias racistas no

---

<sup>18</sup> Na sociedade interagimos constantemente com pessoas diferentes independentemente, assim entendemos como alteridade. Dessa forma, precisamos do contato com o outro sem que isso nos afete de forma negativa. Desse modo, compreendemos o mundo a partir do nosso olhar que é diferenciado do outro, mas precisamos do nosso espaço, e este deve ser respeitado. A esse respeito ver: ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. In: Psicologia & Sociedade; 17 (2): 99-104; mai/ago.2005. Essa pesquisadora aborda o sujeito como objeto de discussões por diferentes orientações teórico-metodológicas da Psicologia e sua importância para problematizações. Assim discute como referencial em seu trabalho as teorias de L.S.Vygotski. Atenta para as especificidades humana decorrente da dupla relação que se estabelece com a realidade e suas atividades, e a apropriação das diversas culturas tornando-se sujeito ativo propiciando a alteridade, e a vivência com outro e sua interatividade.

cotidiano escolar como parte do meio social, visto a discriminação se encontrar na sala de aula.

Nas entrevistas que fez com as professoras negras essa pesquisadora percebeu que ainda há um longo caminho de desconstrução, e para isso é preciso mudanças. Chama atenção para a ideologia do branqueamento<sup>19</sup> principalmente na escola, o que contribui para a negação do ser negro como afirma: “nega-se, portanto, a riqueza de processo sociocultural tão importante e que são constituintes da formação da sociedade brasileira” (GOMES, 1996, p. 71). Nesse sentido percebeu qual o papel das mulheres negras e como elas se identificavam desde a entrada na escola até a faculdade, e no trabalho. Por isso, compreendeu as mais variadas situações de discriminação e afirma que ao saírem do local de “pertencimento” lugar que o pensamento racista e sexista as incluía e se tornaram professoras, posição que as colocam com certo status de poder social no campo do saber, as mulheres negras passaram a exigir respeito.

Dessa forma, Gomes (1996) contribui com a discussão sobre a história das mulheres ao dar visibilidade às novas abordagens nos estudos, sobretudo, quando discute a diversidade na sociedade brasileira e a busca pela equidade racial e de gênero, principalmente no que diz respeito a mulher negra como agente social atuante nos diversos espaços, principalmente na escola, local de saberes construídos, reconstruídos e desconstruídos.

Outra pesquisadora relevante nesse processo é Francineide Santos Palmeira (2009), uma vez que analisa poesias publicadas nos Cadernos Negros sobre as memórias de duas intelectuais negras, Conceição Evaristo e Esmeralda

---

<sup>19</sup>OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira - Produção Didático-Pedagógica composta por uma Unidade Temática apresentada à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, como requisito para aprovação no Programa de Desenvolvimento Educacional – Paraná. Santo Antônio do Paraíso, Paraná. 2008. Propõe entendimento sobre a história e cultura brasileira a partir da visão dos afro- descendentes, e não uma história unilateral, só da sociedade branca, composta por visões eurocêntricas. Concepções estas marcadas pelo preconceito. Dessa feita coloca que a história do Brasil, é feita por muitas culturas, e a africana faz parte também, pois a sociedade brasileira é produto da participação de africanos e afro- descendentes além de vários povos de origens diferentes Por isso essa pesquisadora coloca que é preciso examinar muitos conceitos históricos que motivaram e fundamentaram a existência de práticas racistas e a exclusão social dos afro-descendentes, como por exemplo: a escravidão, a teoria da miscigenação e da mestiçagem e os atuais enganos das teorias geneticistas sobre a existência ou não das raças. Com isso, trata da ideologia do branqueamento, e a maneira como esta penetrou no meio da sociedade brasileira e sua assimilação com o passar do tempo, dessa forma busca desconstruir esse mal que aflige a nossa sociedade.

Ribeiro. Assim reflete sobre a relação que se dá entre a poesia e a memória com relação aos afro-brasileiros, principalmente as mulheres, uma vez que estas enfrentam uma realidade desigual, “racistas e sexistas”. Evidencia a luta das mulheres negras na busca pelo espaço social e político<sup>20</sup>.

Segundo Palmeira a mulher negra é atuante, desde outrora luta para conquistar à liberdade, neste sentido a memória é lugar importante para as novas gerações. Através da memória as escritoras negras dão visibilidade aos temas afro-brasileiros. Desse modo, Palmeira (2009) afirma que:

Por meio do instrumento da escrita, as escritoras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais, com a manutenção dos valores e práticas dos afrodescendentes no Brasil, os quais são importantes para a constituição da identidade afrodescendente (PALMEIRA. 2009 p. 124).

Nesse sentido as mulheres negras ao escreverem de forma crítica atentaram para a realidade social, tendo em vista a afirmação e respeito as diferenças. Ao trabalhar com a memória as escritoras negras trazem a torna ocasionalmente os acontecimentos passados. Dessa forma essas escritoras inventam e atualizam a memória afro-brasileira de forma significativa, portanto ativa.

Na trilha de discussão sobre a mulher negra, Irailda Leandro da Silva (2011) traz discussão relevante, uma vez que fez pesquisa com 12 (doze) mulheres negras; residentes no Sítio Mundo Novo, localizado na cidade de Buíque. As mulheres entrevistadas estudaram na década de 1980 – 1990 e na pesquisa, Silva (2011) buscou perceber qual o papel da escola na construção da identidade das mulheres negras. Para tanto, usou a história oral e afirma que “a utilização da fonte oral busca a interlocução entre o passado e o presente, tendo como contexto a realidade cotidiana que a pessoa vivenciou”. (SILVA, 2011, p. 2). Dessa forma, percebeu nas

---

<sup>20</sup> RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógena. São Paulo Em Perspectiva, 15 (3) 2001. Aborda o “lugar” da mulher em nossa cultura e aluta pela construção de uma sociedade mais igualitária onde a mulher seja reconhecida e tenha seus direitos garantidos autonomia. Com isso mostra o preconceito e os estereótipos sofridos por elas. Esta pesquisadora faz críticas a misoginia e as leituras médicas que desqualificam a mulher, e coloca que ainda vivemos em uma sociedade altamente machista, violenta, intolerante, preconceituosa, por isso chama atenção par aos movimentos feministas em dar visibilidade as mulheres como sujeitos ativas e capazes de lutarem “pelo direito a vida em igualdade de condições para os dois sexos” (p.60). Rago denuncia os mecanismos de humilhação contra a cultura feminina e que as mulheres vem sofrendo estigmas desde sempre nessas sociedades. Esta pesquisadora traz exemplos desde a Idade Média, do medo da liberdade feminina e a necessidade de destruir com os preconceitos sexistas de ver as mulheres como fracas e predestinadas a maternidade, e do saber médico carregado de práticas misóginas.

memórias das mulheres negras e ex-alunas a relação que se estabeleceu entre elas e a escola no período de estudo que elas vivenciaram.

Nesse contexto Silva (2011), chama a atenção para as formas de discriminação e preconceito para com as mulheres negras dentro e fora da escola, além das dificuldades que muitas vezes acarretou no insucesso escolar delas. Contudo, mesmo com a preocupação dos pais da maioria delas em manter as filhas na escola percebeu na formação e construção da identidade dessas mulheres, a presença do preconceito e da discriminação, marcas que as seguiram ao longo da vida, o que faz com que as mulheres negras ainda lutem contra isso, visto ser estes estigmas<sup>21</sup> a principal barreira a ser quebrada.

No que diz respeito à identidade de mulheres negras, Nilma Lino Gomes (1996) aborda a construção da identidade social e a relação de gênero na escola, como afirma: “ A escola é um dos espaços que interfere e muito nesse complexo processo de construção das identidades” ( GOMES, 1996, p. 1), desta feita percebeu que os (as) professores (as) são desatentos (as) a essas questões, no entanto, a escola é local de interferências e relevante para a construção de identidades<sup>22</sup> e experiências das mais diversificadas.

Para formulação e sistematização dessa discussão, Gomes (1996) fez a pesquisa nos anos de 1992 – 1993, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Na trama tecida ou desvendada percebeu como no processo de vivência das mulheres negras na escola a discriminação foi constantemente sofrida por elas. Na pesquisa, Gomes (1996) ainda buscou verificar as influências do preconceito e discriminação nas vidas das suas interlocutoras como professoras e mulheres negras. Por isso, esta pesquisadora mostra uma nova visão das mais variadas relações existente no meio escolar, dessa forma reflete sobre a diversidade étnico

---

<sup>21</sup> Refiro-me ao preconceito sofrido pelas negras na sociedade brasileira, visto a sociedade ainda ver a mulher como inferior ao homem.

<sup>22</sup> Colocamos aqui como forma de personalidade de cada um (a), que pode receber influência do meio em que vive, onde realiza sua interação social com o aglomerado de signos, referências na busca pela alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para definir por comparação e diferença com os caracteres pelos quais me identifico. Para saber mais ver HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Este pesquisador aborda as diferentes concepções da identidade ao longo do tempo até a globalização.

racial e afirma que diante do preconceito e discriminação é preciso posicionamento dos professores (as), e do Estado para combater a desigualdade de gênero e o racismo para com mulheres negras. Nesse ínterim analisou a vida de dezessete (17) professoras, e percebeu como se constrói a identidade social e profissional entre professoras negras e o que elas fizeram e fazem para mudar a realidade na qual estão inseridas.

Com relação à discussão sobre professoras negras são pertinentes às considerações de Simone Joaquim Cavalcante (2012), visto em seu trabalho analisar a história de Adélia de França, professora negra<sup>23</sup> paraibana. Na análise empreendida essa pesquisadora revisitou os espaços da trajetória de vida da docente através da memória de ex-alunos (as) e pessoas que conviveram com ela. Dessa feita trabalhou com a história de vida dos (as) interlocutores (as), e na trama tecida crítica o fato de à história da Paraíba ainda ser escrita a partir dos grandes eventos. Sendo assim traz para o campo do saber a história das mulheres, muitas vezes esquecidas, quando elas estão presentes no processo histórico, mas não são evidenciadas como protagonistas e sujeitos históricos ativos.

Dessa forma Cavalcante (2012) aborda a memória individual e coletiva<sup>24</sup> das (os) silenciados (os). Ao fazer isso esta pesquisadora mostra que as pessoas comuns fazem parte da história e devem ser evidenciadas assim escreve a partir da perspectiva dos “de baixos”. Ainda aborda as relações de gênero, sexismo, racismo e a discriminação sofrida pelas mulheres negras brasileiras, como afirma.

[...] as mulheres negras têm sido submetidas a um duplo selecionamento: primeiro, por sua condição feminina, que coloca à margem de uma tradição e também marcada pelo pertencimento étnico-racial, porque os preconceitos se sobrepõem na nossa sociedade (CAVALCANTE, 2012, pp. 35- 36).

A mulher negra sofreu com o preconceito, mas cresceu a cada dia, visto está em todos os espaços da sociedade. No entanto,

---

<sup>23</sup> A cerca dessa questão ver NUNES, Míghian Danae Ferreira. Histórias de professoras negras: A presença da oralidade nas trajetórias de resistência. In: XI Congresso Luso Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (des) igualdades. Salvador, 07-10 de agosto de 2011. Faz discussão sobre o acesso das mulheres negras à educação formal e as formas como resistiram ao racismo institucional, se sobressaindo e tornando-se professoras. Assim oralidade foi importante lugar de resistência para as mulheres negras que esta pesquisadora entrevistou. Logo a resistência foi movimento estratégico para sobrevivência das populações negras principalmente as mulheres negras.

<sup>24</sup> Ver HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.



Na história do Brasil, por exemplo, as mulheres negras, muitas vezes, foram (são invisibilizadas), e quando apresentadas, aparecem raramente sob as representações de estereótipos variados, como o de escravas (mesmo entre os séculos XVI a XIX); de empregada doméstica (ainda é maioria); pobre (ao extremo); analfabetas (resquícios de um passado que obstaculizava o acesso à população negra), ou exacerbadas na sensualidade e na erotização dos seus corpos (representação lasciva do feminino) (CAVALCANTE, 2012, p. 70).

Dessa forma essas representações como coloca esta pesquisadora, deixa de lado os valores das mulheres negras na construção do país como sujeitos ativas e reivindicadoras dos direitos negados, ela contribui para evidenciar as mulheres negras com outro olhar, e ressalta as suas contribuições, resistências e lutas, como coloca:

Ainda hoje, as mulheres negras, organizadas sob todas as formas, buscam romper os grilhões do passado [...]. Assim, atualmente, elas também desenvolvem outras atividades profissionais de professores, literatas, juízas, médicas, advogadas, artistas, poetisas, escritores, arquitetos, jornalistas, historiadores, entre outros (CAVALCANTE, 2012, p. 75).

Por isso faz uma releitura da história a partir das memórias das mulheres negras. Dessa feita, faz um percurso sobre a educação brasileira, principalmente na Paraíba do final do século XIX e início do século XX. Nesse sentido coloca o fato de as professoras negras no século XX serem invisibilizadas, o que decorria da exclusão das pessoas negras da sociedade. Mesmo assim algumas mulheres se sobressaíram e lutaram contra as imposições estabelecidas pela sociedade.

No universo de discussão sobre mulheres, Ana Karina Manson (2010) se reporta às mulheres e traz à tona a situação que estas vivenciam. Para tanto, atentou para as lutas travadas por elas e percebeu a luta das mulheres negras que entrevistou, percebeu os meios para se tornarem cidadãs e conquistarem seus direitos e objetivos. Esta pesquisadora analisou a importância da Educação de Jovens e Adultos, como forma de emancipação da autonomia dessas mulheres. No decorrer do seu trabalho percebeu a exclusão, e a discriminação sofrida pelas mulheres negras nas suas diferentes formas. Na contemporaneidade identificou a luta das mulheres negras para saírem da condição social, cultural, histórica a que

estão submetidas e conquistarem espaço na sociedade<sup>25</sup>. A pesquisa foi realizada com três mulheres negras residentes na cidade de São Paulo, o que evidenciou os processos pelos quais elas passaram, assim trouxe à tona a luta das mulheres negras contra o preconceito racial. Nesse contexto analisou os caminhos que as mulheres negras percorreram no Brasil, visto carregarem marcas da escravidão, discriminação, e preconceito. Desta feita Manson (2010) tratou do período em que as mulheres negras “vieram” para o Brasil até a atualidade e afirma que a discriminação principalmente contra as mulheres negras “não foi expressa claramente a discriminação em relação ao negro, mas na prática das oportunidades e possibilidades de ocupação de espaços sociais e econômicos” (MANSON, 2010, p.14).

Contudo esta pesquisadora afirma que mesmo sofrendo discriminação e preconceito as mulheres negras reagiram. Ainda se reporta a educação de Jovens e Adultos e as dificuldades vividas pelas mulheres negras, assim as três entrevistadas refletem a vida de várias outras mulheres negras por todo o país. Nesse sentido ressaltou o acesso tardio das mulheres negras entrevistadas a escola.

No diálogo com pesquisadores (as) acerca da temática mulher negra, várias questões são elucidadas e são pertinentes, visto nos possibilitarem compreender os percursos trilhados e as ações desencadeadas por tais personagens, protagonizando-as. Nesse universo Maria de Lourdes Silva (2010) analisa as práticas educativas e sociais produzidas por uma mulher negra, visto ser necessário o reconhecimento dessas práticas pela academia. No decorrer da pesquisa (SILVA 2010, p. 1) evidencia que “essas pessoas comungam uma história de abandono, mas experimentam, também, significativas resistências à marginalização, à desqualificação e à exclusão”. Por isso, esta pesquisadora viu na pesquisa a necessidade de entender o processo de inserção política social educacional de Raimunda Luzia de Brito; mulher negra e protagonista da sua história. Na pesquisa atentou também para a necessidade das práticas sociais como meio de sobrevivência e construção do indivíduo, por isso ao tratar da educação Silva (2010) mostra a importância de convivermos com o outro em processo de conscientização,

---

<sup>25</sup> Ver ainda SILVA, Maria Aparecida; SANTOS, Ana Cristina Conceição. Movimentos e experiências das mulheres do INEGRA. In: Anais do GT – Raça e Etnia (NEIN – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher FECH – UFBA) s/d. Aborda como a população negra vem trilhando suas lutas principalmente as mulheres negras nos movimentos feministas na busca por seus direitos desde 1985, logo a se persegue a mudança social nos diversos espaços político, social, cultural, entre outros.

visto ser a mulher negra agente social e transformadora, capaz de combater o racismo, o preconceito, e a discriminação entre outros males da sociedade.

Silva (2010), afirma ser a mulher negra braço forte da resistência em defesa da população negra. Assim traçou o panorama da vida de Raimunda e evidenciou sua força para superar os obstáculos impostos pela sociedade. Desse modo, Raimunda se assumiu como agente ativa e “sua vida sempre foi marcada pela responsabilidade com as futuras gerações, visto que se esforçou para escrever outra história do mundo. Ela tentou compreender os processos, os traços e o caminho e deles não desistiu, por isso, tornou-se um bom exemplo” (SILVA, 2010, p. 5). Essa pesquisadora também evidenciou a necessidade de a sociedade colaborar com as lutas dos (as) negros (as), enfatizou a busca e a luta das pessoas negras por direitos negados ao outro (negro / negra). Na sua compreensão, a colaboração da sociedade com as lutas contra o preconceito racial corroboraria com o respeito entre os povos e fortaleceria os laços de africanidades afim de “permitir preservar, fortalecer identidades e recuperar culturas negadas conjecturando inúmeras possibilidades de se realizar as transformações tão necessárias em nossa sociedade” (SILVA, 2010, p. 7).

Na luta por inserção social e afirmação da cidadania, Matilde Ribeiro (1995) na sua pesquisa faz um histórico dos movimentos feministas<sup>26</sup> e aponta à necessidade de se construir no movimento a pauta das mulheres negras, ou seja, a organização das mulheres negras é importante para romper com as hierarquias existentes na sociedade. Assim esta pesquisadora trata das mulheres negras como agentes ativas e participantes dos movimentos sociais como: movimento negro e feminista como fator determinante para a busca da democracia e igualdade no Brasil. Estes movimentos desde os anos de 1970 estão em ação, pois se percebeu a desigualdade existente entre as mulheres negras e os demais grupos sociais, pois são as mulheres negras as mais excluídas em todos os sentidos sociais. Essa

---

<sup>26</sup> Ver também BISPO, Silvana Santos. Movimento de mulheres negras feministas em Salvador: experiências e perspectivas. Olhar ainda SILVA, Tatiana Raquel Reis; BARBOSA, Viviane de oliveira. Repensando os feminismos negro brasileiro e norte-americano. In: Anais do GT – Raça e Etnia (NEIN – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher FECH – UFBA) s/d. O primeiro trata das modificações do movimento feminino ao longo dos anos e o acesso das mulheres negras nesses movimentos, para reivindicar seus direitos. O segundo atenta para as desigualdades de gênero e as contribuições das feministas negras, suas experiências das mulheres brasileiras e norte-americanas contra a violência, exploração sexual, doméstica; assim enfoca a questão racial na vida das mulheres negras.

pesquisadora afirma ser o racismo que faz ver as mulheres negras como sujeitos desqualificadas. Por isso, traz a discussão para o campo do saber histórico e evidencia os movimentos vivenciados pelas mulheres negras na busca pelos direitos que historicamente lhes foram negados.

As principais reivindicações das mulheres negras fora a igualdade de direitos entre todas as mulheres. Essa questão serviu para ampliar e aprofundar mais a discussão nos encontros feministas. Na pesquisa realizada, Ribeiro (1995) evidenciou que em 1988 as mulheres negras deram impulso a construção de sua organização com fisionomia própria e caráter nacional visando intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões sociais e de gênero. (RIBEIRO, 1995, p. 450). Dessa forma essa pesquisadora aborda a resistência e a busca das mulheres negras pelo espaço social, e político. Além disso, enfatiza as transformações ocorridas até então e a inserção das mulheres nos diversos movimentos contra o racismo, o sexismo e o machismo, na busca por melhores condições de vida. Ainda ressalta a necessidade de investimento por parte dos governos. Segundo essa pesquisadora,

Para saldar a dívida histórica contraída com nossas populações e especialmente para que as mulheres negras sejam beneficiárias prioritárias a exigências de que se formulem e programem estratégias apropriadas que assegurem as mulheres negras o direito de terem acesso a terra, trabalho, saúde, moradia, educação, meio ambiente favorável a identidade diferenciada (RIBEIRO, 1995, p. 455).

Na compreensão de Ribeiro (1995) só a partir da implantação de políticas públicas para as mulheres negras no sentido de trazer melhorias e dar-lhes condições iguais aos outros é que as coisas começarão a mudar, por outro lado se perceberá a existência de um longo percurso para chegar a vivermos com direitos iguais.

Apesar da importância dessa política para a superação do racismo, Giane Elisa Sales de Almeida (2009) na sua pesquisa aborda a ausência das políticas públicas como fator que influencia na exclusão educacional. Esta pesquisadora percebeu nas memórias das labás importantes aspectos da educação e como se deu o processo de escolarização em suas vidas, além disso, evidenciou o difícil acesso ao ensino secundário, desse modo buscou compreendeu como se deu a

experiência educativa das mulheres negras na cidade de Juiz de Fora entre 1950 e 1970. Percebeu nesse período a necessidade de políticas públicas que possibilitassem as mulheres negras outros meios de inserção na sociedade. Assim Almeida (2009) destacou “as políticas públicas educacionais como parte de um conjunto de ações que visem empoderar os diversos grupos sociais”, aponta também que:

As trajetórias de vidas poderiam ter-se alterado positivamente se existissem naquele período políticas públicas para a escolarização que refletissem a educação formal como parte de uma textura onde vários outros direitos fossem garantidos (ALMEIDA, 2009, p. p. 226 – 227).

Desse modo, percebeu que por traz do ensino daquele período havia interesses maiores que era para fins trabalhistas já que a,

Construção de identidade feminina negra no Brasil a instituição escolar apareceu como determinante na experiência social de tornar-se mulher negra seja pela afirmação desse lugar a partir de sua negação sistematizada e, nesse caso, a intervenção esta tal esteve fortemente presente a partir da inexistência de políticas públicas eficazes que contemplassem, de fato, a escolarização de mulheres negras (ALMEIDA, 2009, p. 231).

A sociedade brasileira desde o período pós-abolição criou e aprimorou os mecanismos de exclusão do povo negro, seja ele qual for. Acerca dessa questão, Delcele Mascarenhas Queiroz (2001) na pesquisa realizada na UFBA no período de 1993 a 1997 sobre o acesso das mulheres<sup>27</sup> e em especial das mulheres negras, constatou que o acesso destas a universidade foi tardio, só a partir do século XIX. Além disso, ainda ressalta as dificuldades e o pouco ingresso destas mulheres nas universidades brasileiras.

Sendo assim apenas nos anos de 1940 as mulheres tiveram mais presença nas universidades<sup>28</sup>, principalmente em carreiras tradicionais, pouquíssimas em

---

<sup>27</sup> Ver CAMPOS, Raphaela Hass de. Questão de gênero no ensino superior. In: Cadernos da Escola de Negócios, Curitiba, 05: 1-16, 2007. Trata da participação das mulheres e a busca por melhores espaços sociais, profissionais, além do seu espaço na sala de aula e sua preparação, qualificação para o mercado de trabalho, para conseguir melhores condições de vida.

<sup>28</sup> BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELO, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. In: Comunicação apresentada à XXVII Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, julho de 1975. Estas pesquisadoras atentam para o acesso da mulher no ensino superior brasileiro, com isso mostra a importância das mulheres como meio de ascensão social, dessa feita perceberam

Medicina, Engenharia, Direito. Só a partir de 1992 com a criação do curso de Filosofia a presença feminina aumentou, mais com limitações.

Queiroz (2001) afirma ser a participação feminina nas áreas como Letras, Filosofia, Ciências Humanas mais abrangentes e observa o fato dessa exclusão se dá gradativamente, por isso deve ser quebrada aos poucos ao longo dos anos. Evidencia também as desvantagens das mulheres negras em relação aos homens, aponta ainda para os indicadores sociais “os dados mostram que também no ensino superior há espaços demarcados para homens e mulheres; existe aí uma segregação baseadas no gênero” (QUEIROZ. 2001, p. 6).

Dessa forma, atenta para a influência que se faz em relação às carreiras de menor valorização ser concentradas por mais mulheres. Com isso, traz para o campo do saber que as mulheres negras estão em carreiras menos favorecidas, e mostra o grande sistema de exclusão existente na educação brasileira. Esta pesquisadora evidenciou a ausência de mulheres negras e mulatas em determinadas áreas do ensino superior destinadas as mulheres e homens brancos.

No entanto Queiroz (2001) aborda que a questão das mulheres negras estarem ganhando espaço, verificou também as desvantagens em relação as mulheres negras com relação às demais no acesso ao ensino superior<sup>29</sup>, estas por sua vez chegam a ser superior na maioria das vezes aos homens e mulheres brancas. Favorável a essa questão Queiroz (2001) aponta “ser possível pensar o desempenho feminino de um ponto de vista otimista, encarando-o como parte de esforço que empreendem as mulheres para inserir-se num mundo fortemente favorável à presença masculina”. (QUEIROZ, 2001 p. 14). Por isso, podemos pensar no longo caminho pela frente na busca de direitos mais justos e igualitários.

No que se refere a cidadania das mulheres são pertinentes as observações de Aline Santos Ferreira e Emanuel Luís Roque Soares (2011), visto estes abordarem as estratégias de resistência das mulheres na busca pela liberdade e direitos. Dessa forma, tratam de mulheres que conseguiram virar o jogo a seu favor e ganharam certa posição social e intelectual. Na pesquisa realizada questionaram

---

a presença das mulheres majoritariamente em cursos de carreiras tidos como femininos, desse modo perceberam as desigualdades existente na concorrência pelo ensino superior.

<sup>29</sup> Para maiores informações sobre o assunto consultar SILVA, Joselina da. Desigualdades de raça e gênero na educação superior: um olhar sobre a base sinaes. In: Trabalho apresentado na 26ª. Reunião de Antropologia realizada entre 1 a 4 de janeiro de 2008, Porto Seguro, Bahia. Esta pesquisadora discute sobre a participação das mulheres negras brasileiras no ensino superior, traz reflexão sobre a situação das mulheres negras ensino superior.com isso propõe analisar o quadro construído nas relações raciais no Brasil, na educação e por conseguinte no mercado de trabalho.

ainda a posição da mulher na sociedade e o que ela conseguiu a duras penas, a luta por melhores condições de vida e as práticas de resistência ao sistema racista, visto ser este à base da sociedade brasileira se manter machista e colocar a mulher como submissa. Desta feita, trata da diferença entre mulheres negras e brancas e evidencia “que com o passar do tempo não tivemos muitos avanços no que diz respeito à educação das mulheres, sobretudo, de mulheres negras” (FERREIRA & SOARES, 2011, p. 4).

Estes pesquisadores colocam o fato da mulher estar em segundo plano até 1988, só após esse momento quando elas começaram a ter participação em movimentos feministas e a partir de então as mulheres negras buscaram seu espaço na nova realidade, assim as mulheres negras foram conquistando direitos sociais, trabalhistas, educacional, entre outros.

Na pesquisa realizada, Ferreira e Soares (2011) se referem ao racismo como construção da sociedade, por isso “o combate à discriminação social que se manifesta explícita ou implicitamente nas práticas cotidianas é uma tarefa difícil de ser realizada, mas não impossível” (FERREIRA & SOARES, 2011, p. 9). Dessa forma, elas tratam do rompimento das barreiras do preconceito como afirmam. “É necessário romper com as posturas preconceituosas e racistas arraigadas na sociedade e reconhecer as diferenças e não subestimar as capacidades individuais e coletivas de cada grupo ou segmento social” (FERREIRA & SOARES, 2011, p. 9).

As questões subjetivas também fazem parte do universo de pesquisa sobre as mulheres. Acerca dessa questão é pertinente o trabalho de Ana Cláudia Lemos Pacheco, essa pesquisadora abordar aspectos da vida afetiva de mulheres negras na cidade de Salvador, Estado da Bahia. Essa pesquisadora percebeu como essas mulheres viviam e se eram solitárias ou não, o que estava encrostado na visão da sociedade sobre elas. Desse modo esta pesquisadora buscou entender como se dá “as relações afetivo – sexuais, raciais e de gênero no contexto baiano atual” (PACHECO, s/d, p. 3).

Acerca dessas questões trataram de dois grupos de mulheres, engajadas nos movimentos políticos (ativistas) e outras ativistas para então perceber o vínculo entre raça, gênero e a classe como fator relevante para as escolhas afetivas de tais mulheres e evidenciou as tentativas de virar o jogo (por parte delas) a seu favor com educação e trabalho. Nesse sentido afirma “que a mobilidade individual e social entre as mulheres dependeu do grau de capital cultural que seus pais acumularam e

das redes de ajuda naquele contexto cultural” (PACHECO, s/d, p. 8). Tudo isso influenciou nas relações futuras destas mulheres para de certa forma desfiarem as formas hierárquicas da sociedade.

Ainda com relação aos afetos são interessantes às considerações de Adriana Severo Rodrigues, visto na sua pesquisa atentar para mulheres negras que estão cumprindo pena no regime aberto ou semiaberto, na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Buscou saber como se dá o sistema prisional no Brasil e com isso se reflete sobre a vida das mulheres, dos seus direitos violados e principalmente analisa a busca pela sobrevivência familiar. Nesse sentido aponta para os contrastes da sociedade brasileira, inclusive o acesso aos direitos básicos do (a) cidadão (a) como trabalho, saúde, educação, entre outros.

Esta pesquisadora afirma que as injustiças da sociedade são grandiosas e as mulheres

Estão sujeitas as múltiplas formas de discriminação social em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo, as quais resultam em uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida. (RODRIGUES, s/d. p. 4).

Com tudo evidenciou ainda que a mulher negra está inserida nas diversas áreas e são discriminadas mais que as mulheres não negras, por isso sua equipe nos mostra um novo olhar para certas injustiças que acaba fomentando mais preconceito e desigualdade.

Rodrigues (s/d) mostra que a exclusão não é por ser negra e cumprir pena, mas pelas formas preconceituosas com que são vista na sociedade, as formas de tratamento para com elas pelos funcionários da prisão e até mesmo pelas demais colegas. Assim traz para o campo do saber histórico, as desigualdades existentes que de certa forma são maquiadas. Frente a isso, as mulheres buscam respeito e valorização das suas diferenças em qualquer que seja o espaço.

As mulheres negras desde o passado até a contemporaneidade buscaram meios de se inserir na sociedade, e as novas condições de vida serem as almejadas. Por isso Giane Elisa Sales de Almeida (s/d) aborda o fato de tais mulheres assegurarem espaço na sociedade, ela ainda atenta para a relação do trabalho na vida dessas mulheres (labás) e os aprendizados que estas ganharam a respeito de ser mulher, negra, pobre, trabalhadora, presente ainda hoje nos espaços sociais.



Esta pesquisadora trabalha com a história oral, visto ser instrumento da pesquisa histórica. Dessa forma ela aborda a memória, e traz questões relativas à história de vida de mulheres negras. Nesse contexto, traçou um panorama de “experiência de ser mulher, preta, pobre e trabalhadora” nos anos de 1950 a 1970 em Juiz de Fora. Sendo assim esta pesquisadora afirma ser as relações trabalhistas possuintes de forte representação social da qual as mulheres negras fazem parte. A partir daí essa pesquisadora buscou compreender como se dá tais relações e para isso usou a história oral, assim afirma ter,

A história oral como ferramenta importantíssima ao estudo histórico de temáticas relativas à população negra, esta porque a história oral apresenta-se como um método que busca nas narrativas de memória um registro histórico de um tempo vivido, que neste caso não está registrado em documentos escritos. A possibilidade da história oral é a de dar espaço as diversas vozes que compõem determinado fato histórico (ALMEIDA. S/d, p. 3).

Desta feita, essa pesquisadora percebeu nas falas de mulheres negras que elas passaram, ou certamente adquiriram movimentos educacionais “para além da sala de aula”. Almeida (s/d) ainda questiona, e discute a teoria de Marx sobre a compreensão dos conceitos de classe, raça e gênero e afirma que “o simples fato de as três categorias serem nomenclaturas que servem para classificar representações e construções sociais já as coloca em posição de serem analisadas em conjunto”. (ALMEIDA, S/d. p. 8). Com isso, esta pesquisadora buscou nas memórias de mulheres negras o que foi silenciado, e desse modo, percebeu a divisão do trabalho e as condições de ser mulher negra. Isso permitiu verificar na sociedade constituinte vestígios do passado, demarcado pelo trabalho escravo, e a política de branqueamento desencadeada durante e após a escravidão, visto ser as mulheres negras as que ainda fazem os trabalhos subalternos.

Nesse íterim, Almeida (s/d) mostra a realidade da vida das mulheres negras, e que para elas o emprego na maioria das vezes era o trabalho doméstico, este por sua vez trazia marcas da escravidão, as quais estão evidenciadas, principalmente na memória delas.

## CAPÍTULO II

### 2. - CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Na sociedade brasileira os caminhos percorridos pelas mulheres negras é questão a ser pensada, por terem lutado e resistido às imposições que lhes foram impostas ao longo do século XX. Por isso, tratamo-las enquanto sujeitos, muitas vezes “invisibilizadas”, mas que lutam e atuam ativamente, por isso se afirmam cidadãs e buscam outros caminhos, outras perspectivas de vida no Brasil e na Paraíba.

Dessa forma, no desenvolvimento de nossa Pesquisa “mulheres negras paraibanas”, dialogamos com alguns (as) pesquisadores (as) que discutem sobre as mulheres negras na Paraíba e no Brasil, desta feita abordamos principalmente suas trajetórias de vida no decorrer do século XX, assim como os obstáculos encontrados, as lutas, e os caminhos que trilharam ao longo de sua trajetória de vida.

Haja vista não poderemos nos esquecer do nosso lugar como pesquisador (a). Segundo Michel de Certeau (1982) escrevemos a partir de um lugar social, político; econômico, assim o historiador busca analisar as diversas situações da vida, visto que tudo isso intrinsecamente está ligado ao fator político, social.

Desse modo, o passado se torna objeto de pesquisa e vem à tona, assim escrevemos as histórias de vida de nossas interlocutoras “a história se define inteira por uma relação da linguagem com o corpo (social) e, portanto, também pela sua relação com os limites que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala” (CERTEAU, 1982, p. 69). Mas é preciso interpretar “Em história, ela instaura um ‘governo da natureza’, de uma forma que concerne à relação do presente com o passado” (CERTEAU, 1982, p. 73). Nesse contexto nos apropriamos de algumas discussões historiográficas acerca das mulheres no Brasil, desse modo selecionamos as mulheres negras e passamos a entrevista-las.

Embora tenhamos delimitado a quantidade de mulheres negras como objeto da nossa pesquisa, na perspectiva de analisar suas histórias de vida, levamos em consideração que estas fazem parte de um contexto social relevante a muitas outras mulheres negras, e que, por sua vez fazem parte da construção identitária de

nosso país. Dessa forma, entrevistamos 02 (duas) mulheres negras paraibanas, ambas da cidade de Alagoa Grande<sup>30</sup>. Escolhemos como critério o fato das mulheres terem formação superior, além de atuarem como professora na educação básica.

Definido o tema proposto, partimos para algumas etapas como: levantamento bibliográfico, leitura e fichamento dos trabalhos que discutem sobre a temática; mulheres negras, inserção na sociedade e construção da identidade. Isso nos possibilitou fazermos um contraponto com as discussões acerca das mulheres negras na Paraíba e com isso percebermos as aproximações e distanciamentos da questão que fazemos nessa pesquisa e a questão da construção da identidade afro-brasileira.

Com isso recorremos à história oral<sup>31</sup> como metodologia de pesquisa, uma vez que nos possibilitou desvendar os caminhos e percursos trilhados por elas, além de revisitar suas memórias como criação e atualização constante. Para isso deixamos que elas narrassem as suas trajetórias de vida, desde o momento em que entraram pela primeira vez na escola, o acesso à universidade, ao mercado de trabalho e sua vida afetiva. Ao trabalhar com a história oral buscamos dialogar com alguns (as) pesquisadores (as) que fazem uso da memória, como Ecléia Bosi (1994), Walter Benjamim (1994), Verena Alberti (2005), entre outros. Recorremos aos pressupostos desses teóricos para entendermos a relação da história oral com a memória. Desta feita fizemos uso da história de vida, por essa metodologia atender aos nossos interesses nessa pesquisa.

Para tanto, as entrevistadas tiveram a liberdade para falar das suas vidas, e nos expor fragmentos das suas experiências enquanto mulheres negras, além de nos revelar os caminhos, os obstáculos encontrados os quais tiveram de encarar, lutar, e com isso ultrapassar. Desse modo se afirmar como sujeitos históricos, base da nossa pesquisa.

---

<sup>30</sup> As entrevistas encontram em anexo deste trabalho.

<sup>31</sup> Para mais informações ver Usos & abusos da história oral / Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. Este livro é composto por vários pesquisadores (as) que tratam da história oral, suas possibilidades e usos a partir de diferentes olhares, além disso fornece reflexões teóricas e possibilidades metodológicas sobre os diferentes aspectos da história oral, seu lugar de entre a história e interdisciplinaridade com as demais ciências humanas, com isso mostra as peculiaridades que o historiador tem com os acontecimentos que analisa.

Nesse íterim tratamos dos depoimentos de mulheres negras, a partir de suas histórias e revelações. Dessa forma, observamos que seus depoimentos revelam verdades, e assim dialogamos com a história cultural e suas representações, visto buscarmos entendermos as memórias<sup>32</sup> das entrevistas como representações do passado, ou seja, construção do vivido acerca de suas vidas e suas trajetórias.

Nesse sentido, recorreremos à representação como categoria de análise e atentamos para as considerações de, Roger Chartier (1985), devido às formulações teóricas de esse pesquisador nos possibilitar referências quanto ao significado de representação, e deste modo contribui com a discussão que fazemos nessa pesquisa, sobretudo, porque trabalhamos com o conceito de representação dedicado as mulheres negras. Dessa feita, este pesquisador nos mostra o sentido de representação e considera-a “instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1985, p. 20).

Sendo assim, Chartier (1985) ao situar a representação no campo do saber difere-a da imaginação, e discute que a realidade é construída a partir dos diferentes grupos sociais, o que gera melhor compreensão do mundo, a exemplo da história de vida das mulheres negras e as representações que elas têm do mundo e suas memórias. Dessa forma ao trabalharmos com representações dialogamos com a história cultural, haja vista abordarmos as diferentes representações.

Nesta perspectiva, Chartier, considera que a história cultural é “um espaço de trabalho entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas complexas e múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação.” (CHARTIER, 1985, p.28).

## 2.1 – CAMINHANDO COM A HISTÓRIA ORAL

---

<sup>32</sup> Ver FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. Esta pesquisadora aborda a história oral desde a busca por sua definição até os problemas no âmbito de sua metodologia e sua chegada no Brasil, assim reflete metodologicamente desde o trabalho de campo, da entrevista até a sua conservação, entre outros. Trata da história oral no Brasil desde seu início nos anos 80-90. Coloca que “sendo a memória uma faculdade do ser humano, ela não é imune a conflitos, contradições e frustrações, percebidos nas falas. As narrativas são coerentes com as suas próprias realidades, com suas próprias vidas”. p. 177.

Optamos pela história de vida por ela interagir com a sociedade, e buscamos nas histórias que nos foram narradas a “revelação” do passado silenciado. Todavia, não deixamos de lado as fontes escritas, uma vez que elas melhor sustentam a discussão que empreendemos na pesquisa.

Levamos em conta também a memória como produto e produtora de cultura, desta feita a memória é traço, vestígio, fragmento de tudo o que vivemos, presenciamos, ouvimos, vemos, sentimos e isso implica dizer que se faz no tempo presente e no passado, por isso faz (re) viver no íntimo das mulheres entrevistadas.

Ao trabalhar com a memória Ecléia Bosi (1994) fez entrevista com pessoas acima de 70 anos, esta pesquisadora buscou registros da memória social e coletiva dessas pessoas, e percebeu os diferentes espaços da “fronteira” do ser e a cultura dos indivíduos. Assim evidenciou que o sujeito consciente tem lembranças e também consciência. Nesse sentido Bosi (1994) identificou os diferentes pontos de vista dos moradores e o conteúdo lembrado a partir da história de vida de cada um. Para isso ela buscou aproximar-se dos “recordadores”, na busca por desenvolvimento do relato de vida do sujeito. Nesse contexto Bosi (1994) partiu do pressuposto de que não é preciso apenas ser simpático na pesquisa, mas sim é necessária a compreensão da condição humana do entrevistado já que são observados pelo entrevistador.

Esta pesquisadora mostra o envelhecimento como lugar de memória no qual o (a) pesquisador (a) torna-se sujeito e objeto, ou seja, este recebe, ouve, registra informações da memória do entrevistado para transmitir o recebido (memórias) de alguém que foi adquirido através da fonte oral (fala). A partir daí o (a) pesquisador (a) transcreve o que lhe foi narrado. Nesse processo o corpo do narrador influencia na memória como tarefa de “servir” alguém, de trazer à tona o passado e isso rejuvenesce o ser, ou seja, o ato de lembrar se torna experiência do passado, a partir de fragmentos, uma vez que na memória não se registra a totalidade, pois o ato de lembrar algo, geralmente leva a pessoa recordar e esquecer-se de outras coisas.

Bosi (1994), dialoga com outros pesquisadores como Bergson, Halbwachs, Bartlett e Stern. Utiliza-se das suas pesquisas para formular sua teoria, visto estes pesquisadores tratarem da memória. Nesse contexto a memória é entre outras coisas, traços, vestígios, fragmentos de tudo que vivemos, presenciamos, ouvimos, vemos, sentimos, fazemos, ela imbrica no acontecido que por sua vez se faz reviver

no íntimo do ser humano. Desta feita, Bosi (1994) tratou das funções das memórias das mulheres e homens idosos e das suas lembranças no tempo passado a partir das imagens do “agora”, as quais mediam as imagens do passado e sofre a influência do meio social em que os sujeitos vivem do ambiente e do corpo que se transforma em ação a partir da imagem. Mas nem sempre isso acontece.

A partir do momento em que a imagem é guardada no cérebro, a memória permanece e sobre ela constrói-se uma representação, deste modo à percepção vazia se enche de imagens. Com isso se tem o exercício de lembrar-se das coisas, pois a lembrança é o resultado do ambiente inteirando com o nosso sistema visto estar cheio de representações que vem no instante que é acessado, por isso a lembrança traz a toma o passado, como se juntasse a percepção aos signos e as antigas imagens.

Dessa forma as nossas lembranças segundo a teoria de Bérqson parte do nosso corpo, ou seja, do tempo atual, corpo. A partir daí avivamos as lembranças passadas, visto acessarmos o passado a partir do presente e chamamos a memória usando o nosso corpo atual, com ele puxamos o antigo para hoje. Segundo Bosi,

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, pp. 46 – 47).

A memória é como um cone que está invertido porque partimos do hoje para o passado e nela carregamos todas as nossas experiências. Então a memória está no inconsciente e as pessoas escolhem o que vão falar, a partir das memórias e do vivido. Bosi ao fazer estudo sobre a memória apresenta desse modo que a memória está pronta para ser acionada, além disso, conserva o passado “chamado pelo presente”, assim ocorre o processo de lembrar-se. Ademais a própria memória está sempre sendo trabalhada individual ou coletivamente.

Portanto, ao recorrermos a memória como fonte de pesquisa não podemos ver o passado como ele é, pois: “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (Bosi, 1994, p. 39). Mas construímos pontos de vistas

sobre os acontecimentos de formas críticas, dessa forma elaboramos a mente, pois a memória é atualização constante.

A memória está ligada a identidade social do ser humano. Dessa forma não podemos dissociar a memória da identidade a qual construímos cotidianamente; pois elas conservam certo envolvimento. Sendo assim André Augusto Diniz Lira (2004) faz discussão sobre a memória e as identidades sociais. Com isso busca superar as visões dicotômicas comumente presentes nas ciências sociais, para entender o mundo social.

Segundo Lira (2004, p. 76) a memória não existe sem a identidade. “A memória forja a identidade e a identidade também forja a memória”. A partir da memória os indivíduos podem compartilhar algumas situações diariamente, ou seja, o vivenciado gravado na memória, isso nos liga ao passado e nos transforma em sujeito da história, “a identidade e a memória são interatuantes, no entanto, a memória é um elemento constitutivo da identidade” (LIRA, p. 78).

Desse modo Walter Benjamin (1994) aborda a perda da memória na modernidade, e dessa forma este pesquisador critica as formas literárias, pois as informações contidas nelas já vêm mastigadas, interpretadas servem ainda para acionar emoções, mas para a questão da experiência ela fica meio vazia, diferente do que acontece com o mito por sua vez se tem a transmissão da experiência, pois não está esmiuçado.

Este pesquisador atenta também para o viver de experiência, ou seja, muitas vezes experienciamos coisas difíceis. Benjamin (1994) trata também das formas de linguagens e nos mostra que o mundo está desconectado cada vez mais com a experiência e com a narração, o lembrado pode ser o bárbaro e o estranho, diferente, é como se vivêssemos sob um vidro, ou nossas memórias fossem iguais a tal “metáfora” do vidro, nele tudo pode, e é apagado visto nada se fixar, permanecer, e a experiência não pode ser produzida.

Pensamos também na metáfora da sociedade moderna na qual nada fica e tudo passa constantemente<sup>33</sup>, de tal modo que podemos dizer que a sociedade em si vive de certa forma uma “pobreza de experiência”, pois tudo é veloz, os homens estão cansados e “saciados” e busca saciar-se nesse mundo onde as coisas são

---

<sup>33</sup> Colocamos aqui como a correria do dia-a-dia, a sociedade vive de forma veloz na qual temos que dar conta de uma série de coisas que nos deixa cansados no final do dia, assim as coisas que já vem prontas e rápidas são as mais procuradas sem talvez pensar em experimentar coisas novas e plenas.

todas possíveis, então o saciado é metafórico, pois o homem não viveu a experiência. Dessa forma Benjamim (1994) faz consideração sobre a obra de Nikolai Leskov e atenta para o fato de existir moradores entre nós, que ainda narram à arte da experiência à beira da extinção, e que não a deixa se apagar.

Nesse contexto o narrador intercambia as suas experiências, mas a partir da guerra os combatentes voltaram “pobres de experiências comunicáveis”, essas experiências passam de pessoa para pessoa e o (a) narrador (a) sabe dar seus conselhos, conta suas experiências pela tradição oral. Haja vista encontram-se vestígios da vida do (a) narrador (a) em suas narrações; o (a) narrador (a) é como um (a) sábio (a) assimila o essencial, o íntimo do “ouvido”, então o (a) narrador (a) percebe ele mesmo, sua existência no mundo.

Sobre a história e a memória torna-se pertinente atentarmos para o trabalho de Pierre Nora (1993), visto tratar dos lugares da memória materiais, simbólicas e funcional. Com isso a memória une lugares com os registros do vivido (passado) para que não se perca, ela elabora, reflete os sentidos do passado. Segundo esse pesquisador “a história é a construção sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elemento vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado”. Este pesquisador ainda faz referência a separação entre memória e história por causa da aceleração das coisas, dos eventos, e da própria história (NORA. 1993 p.6).

Sobre a relação memória e a identidade são pertinentes às considerações de Michael Pollak (1992), visto tratar da relação entre a memória, a história, e o esquecimento. Este autor afirma que estas questões estão sempre presentes nas nossas vidas. Todavia, quando o ponto de partida é a memória individual e coletiva a relação entre essas questões mudam constantemente, transformam-se, portanto, são mutáveis. Esse autor ainda ressalta que em alguns casos os marcos são imutáveis. Desse modo coloca os acontecimentos vividos pela pessoa (individual), ou por grupos (coletivo). Nesse sentido, as personagens constroem suas memórias a partir dos lugares, das lembranças como afirma Pollak:

Por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (Pollak, p.3, 1992)



Com isso a partir dos acontecimentos, dos lugares, dos vestígios gravados, das datas tudo se organiza é lembrado. Mesmo assim, a memória seleciona os fatos e nem tudo fica gravado ou registrado na mente, de certa forma ela é construída: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (Pollak, p.5, 1992). Por isso organizamos tudo que percebemos e vivenciamos na sociedade contribuindo para a construção da nossa identidade, logo esse fenômeno produz referências aos outros.

Desse modo, Verena Alberti (2005) aborda “como fazer” história oral, em seu trabalho coloca que a história oral pode ser empregada nas mais diversas disciplinas de forma multidisciplinar como expõe:

{...}a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevista com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, com forma de aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2005, p. 18).

Dessa forma, a partir das entrevistas podemos construir narrativas do passado, pois segundo esta pesquisadora, desde a antiguidade se utilizava relatos, mesmo assim salienta que com a história positivista essa prática foi criticada duramente.

Coloca que só a partir de 1960 é que a história oral vem se legitimar (apesar das críticas) como fonte e tida como documento, pois começava a se utilizar novos materiais como por exemplo o gravador para gravar as entrevistas, logo se ganha novas formas de interpretações e visões, ampliando assim o conhecimento do passado a partir de particulares, seus testemunhos e reflexões. Ressalta que foi a partir de 1970, principalmente nos Estados Unidos e na Europa que a história oral foi difundida e por volta de 1975 aqui no Brasil sendo ampliada só em 1990.

Salienta que a história oral<sup>34</sup> deve ser utilizada em temas recentes que abarque a memória do (a) entrevistado (a) em determinado espaço de tempo, e que

---

<sup>34</sup> Ver ainda ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. V. 8, n.1, p. 11-28, jan.-jun. 2005. Esta pesquisadora discute as diferenças e semelhanças entre a história oral e a

o trabalho tenha por finalidade a ser um documento histórico e da construção do passado a partir de interpretações através da fala. Dessa feita, segundo esta pesquisadora o (a) pesquisador (a) deve respeitar as opiniões, as atitudes, a visão de mundo do (a) entrevistado (a) e sua vivencia.

### CAPÍTULO III

#### 3- AS MULHERES NEGRAS PARAÍBANAS

Neste trabalho foram entrevistadas duas mulheres negras paraibanas residentes na cidade de Alagoa Grande-PB, uma nasceu nessa cidade e outra nasceu na cidade de Santa Rita-PB<sup>35</sup>. Mas ambas desde a infância residem na cidade de Alagoa Grande; cidade onde viveram a infância, adolescência, juventude e permanecem adultas. A escolha das interlocutoras obedeceu alguns critérios além de ser mulher negra, são paraibanas, professoras com formação superior e atuam na educação básica.

A partir das suas histórias de vida buscamos refletir sobre os caminhos que trilharam até ingressar na universidade e no mercado de trabalho. Nesse percurso trazemos à tona as relações delas com o preconceito racial e a construção da identidade negra. Como elas se vêm na atual sociedade brasileira, visto que foram crianças e jovens numa época em que ainda era tabu se discutir as relações étnico-raciais.

Selecionamo-las como sujeitos dessa pesquisa devido as suas histórias para refletir a condição das mulheres negras na sociedade brasileira e por serem repletas de detalhes. Dessa forma elas não são objetos da história que narramos, visto suas memórias enquanto fonte são ricas em questões que revelam as suas experiências de vida, marcadas pelas adversidades, mais também pelas lutas, e resistências entre outras questões, conforme nos revelou Maria do Socorro Gomes Silva; uma das nossas interlocutoras.

Discutimos a construção da identidade étnica e a cidadania, logo, nesse trabalho, elas não são concebidas como objetos, mas sujeitos sociais e como tais atuam na sociedade, transformando-a, mas também se transformando.

##### 3.1- MULHERES NEGRAS, sujeitos da história

Na narrativa de sua história de vida Maria do Socorro Gomes Silva, nos mostrou as formas de preconceitos vivenciadas pela mulher negra na sociedade brasileira no século xx, especificamente na cidade de Alagoa Grande-PB. Dessa

---

<sup>35</sup> Maria do Socorro Gomes Silva nasceu em Alagoa Grande-PB e Lúcia de Fátima Júlio nasceu em Santa Rita-PB.

feita quando se refere à discriminação racial, coloca que o preconceito é uma forma de inferiorizar as pessoas negras quando nos disse. “Quando alguém olha pra você do pé a cabeça ele tá dizendo que você é inferior a ele. Isso a gente vê constantemente”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Segundo Maria do Socorro Gomes Silva desde criança sofria com a discriminação, de certa forma por ter a mãe branca e o pai negro, e ter nascido negra como o pai. Outra questão fora o fato de ser também filha única. Esta interlocutora ainda disse que por ser negra ocorria de ser a responsável pelos maus feitos que os seus primos faziam, conforme deixa evidente neste trecho.

Eu nasci igual a meu pai. E na própria família meus primos, todo mundo: tudo que eu fazia: é a nega, foi à nega. Tudo era a negra. Você ficava sabe. Você tinha medo de tudo, porque tudo no mundo dizia que era você. E pensa como doía esse nome de negra. Doía tanto quando o pessoal dizia. Procura apelido de toda qualidade pra colocar em você. Né? Eu lembro que meu avô era a pessoa que ficava com maior cuidado porque eu era a única mulher e naquela época os homens também tinham mais cuidado com mulher. Apesar de ser negra, mas eu era mulher, ele tinha cuidado por que... E eu fui crescendo, as irmãs de mamãe, quando arengavam entre os meninos diziam: foi à nega de fulana. Quer dizer, você vai se acostumando com aquela história. E você tem medo. Aonde você tá tudo que o povo fala você tem medo. Tá todo mundo aqui, mas de repente alguém pode apontar pra você porque você é negra. E você já tem medo que isso aconteça. Na minha vida eu senti muito isso (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Outro aspecto de sua vida que reforçou a discriminação fora o fato de ter sido criada pela mãe, visto que nos anos 1960 quando ainda era uma criança seu pai largou a família e partiu com destino a cidade de São Paulo para trabalhar e nunca mais voltou. Por essa razão sua mãe teve que criá-la e trabalhar para poder sustentá-la, contudo sua mãe sempre a incentivou a estudar, pois Socorro era filha única. Assim como Socorro inúmeras crianças negras que viveram no Brasil dos anos 1960 também foram discriminadas durante a infância, seja na família e na escola.

Apesar das situações de discriminação que passou Socorro sobressaiu-se quando comparada as outras crianças da sua família, e da cidade de Alagoa Grande, visto que na escola ajudava as outras crianças, sobretudo, as “meninas ricas” nas atividades escolares. O preconceito racial não a fez desistir dos estudos, pelo contrário fez desse um caminho para inserir-se e ser aceita, pois, era

recomendada pelas professoras a ensinar as outras crianças em casa, tarefa que deixou de fazer quando começou a tirar notas baixas. A partir de então a sua mãe interveio, pois queria o bem da filha e o fato de ir à casa das amigas depois da escola ensinar-lhes as tarefas a deixava sem tempo para os estudos, o que a levou a tirar notas baixas.

Aí minha nota não tava muito boa. A minha mãe dizia: não. Você não vai mais estudar na casa de fulana não. Porque a minha mãe também não entendia porque a freira me mandava estudar na casa da outra. Até que um dia eu fui estudar, tava estudando na casa de uma delas e fiquei com a nota baixa, e a irmã mandou chamar minha mãe. Minha mãe foi aí... Mas ela tá tirando nota baixa irmã, porque ela tá indo estudar na casa das colegas delas. E eu não gosto que ela vá pra casa das colegas delas. Então, a partir de agora não vai mais. Aí, pronto eu deixei de estudar na casa das meninas (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Essa interlocutora ainda revelou que sofria bastante quando queria participar dos eventos na escola e ninguém a chamava para tal, apenas pelo fato de ela ser negra.

E eu lembro que num sete de setembro, ninguém me escolhia. Aquela história que ninguém te escolhia pra ir. Você tem a maior vontade de ir. Você vê todo mundo ir, e você fica triste porque você não vai. E não vai. Toda vida eu fui metida. Eu chegava ia pedir. E eu fui pedir, porque as minhas colegas tudinho ia e eu tinha que ir também. Mas eu não pude ir assim de Princesa Isabel, essas coisas (Risos). Mas eu fui levando a placa dela. Na frente, vesti outra roupa e a minha vontade era de vestir uma roupa que não fosse à farda. Não é? Isso aí aconteceu, mas era porque eu andava atrás. Eu não ficava assim... Eu não sabia por que o pessoal não queria e eu pedia... (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Para continuar nos estudos teve que começar a trabalhar ainda de menor, ou seja, começou aos 14 anos, porque precisava se manter e ajudar a sua mãe na manutenção da casa e a mantê-la na escola. Assim em 1970 foi trabalhar como professora na rede pública municipal de ensino em Alagoa Grande, conforme revelou:

Eu fui ensinar. Naquela época todo mundo era professor. Sabia ler, terminou a 4ª série vai ensinar. Eu fui ensinar. Foi em, nos anos 1970. Aí eu fui ensinar, porque aí continuei estudando porque eu tinha que ajudar também minha mãe. Ela não podia dar as coisas que eu precisava. Aí eu tinha que trabalhar. Aí eu comecei, fiquei

trabalhando e estudando. Depois eu fui, aí fiz o vestibular. Aí inconsciente, eu acho que eu tinha vontade de fazer Serviço Social, ser assistente social. Acho que era porque, por conta dessa situação. Eu não entendia de negro, eu entendia de classe social. Aí por isso, eu tinha vontade de fazer. Aí fiz o vestibular. Nesse primeiro eu não passei, e de repente eu disse: não vou fazer isso mais não. Vou fazer História. Aí fiz História, passei (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Maria do Socorro Gomes Silva estudou, trabalhou e conseguiu passar no vestibular para o Curso de História em 1978 e terminou em 1982. Ingressou no ensino superior na FURNE (Universidade Regional do Nordeste) em Campina Grande. No espaço acadêmico também passou por experiências preconceituosas; situações que só veio a compreender como preconceituosa algum tempo depois. Uma vez que a discriminação ocorre sutilmente nos espaços escolares, sejam eles da educação básica ou ensino superior, entre outros.

No trecho abaixo essa interlocutora discorre sobre a situação de discriminação que passou no período em que cursou a universidade. Disse que gostava de se arrumar e se arrumava toda para ir à faculdade, mas tinha uma professora que não gostava do modo como ela se vestia e a tratou com desrespeito, conforme nos revelou em entrevista.

Pra gente não ficar tão diferente das outras. A gente também saia toda arrumada. E um dia a professora discutiu comigo por conta disso. Por que ela perguntou? Por que eu ia tão arrumada pra escola? E não é que essa professora implicou comigo o semestre todinho e me reprovou. E hoje eu entendo que não só era. Não era porque eu ia arrumada. Era porque eu era negra (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Outra situação de preconceito vivenciada por Maria do Socorro Gomes Silva ocorreu quando seu namorado a levou a casa da família dele e a apresentou aos pais e irmãs. A família do rapaz não a aceitou pelo fato de ela ser negra. “Teve um dia que eu fui... Quando eu cheguei, a mãe dele olhou pra cara do filho e disse: mas uma nega? (Silêncio). E eu lembro que dessa vez morri de vergonha e fiquei calada, não dei uma palavra”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

No trecho Maria do Socorro Gomes Silva mostra como vivenciou o preconceito e como ele se revela na sociedade brasileira. Em virtude de ser negra ela foi vista pela mãe do rapaz como sendo uma pessoa indigna de namorar o seu

filho. Ou seja, a mãe do rapaz demonstrou o preconceito abertamente; situação diferente ocorre hoje. Segundo essa interlocutora hoje as pessoas fingem que não são preconceituosas. “Hoje as pessoas fingem que aceitam. Agora no passado, eles diziam mesmo na cara das pessoas. Que não quero, porque aquela pessoa é negra, que isso aquilo outro. Isso aí eu passei por muita coisa. E marca você por toda vida”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Diante de tal situação a interlocutora revelou que não fraquejou, e sempre se manteve na luta contra o preconceito. Segundo Maria do Socorro Gomes Silva mesmo entre suas colegas muitas vezes umas se mostravam preconceituosas. Mesmo que tentassem disfarçar que não eram preconceituosas, percebia, pois sentia na pele a discriminação por ser mulher negra. Todavia, não se deixou levar pelas injustiças sociais, conforme nos relatou:

Quando eu sou sua amiga, mas quando você vai me apresentar para outra pessoa? Você não diz logo que eu sou... Diz logo o que eu tenho. Ela é formada. Quer dizer: é como se fosse um passaporte, você ser aceito pela pessoa. E o que eu sinto muito. Eu já comentei algumas vezes, que eu já senti de pessoas que eu considero. Fala como se não tivesse preconceito, mas que lá dentro tem, não deixa de ter não. Agora, na forma de falar você sente o preconceito na hora que apresenta você a alguém. Aí diz, essa é Socorro, mas ela é diretora da escola, ela é formada. Ela é isso aquilo outro. Eu não estou valendo o que eu sou, mas o que tenho (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Na sua trajetória de vida Maria do Socorro Gomes Silva teve uma perda que a marcou, ou seja, a perda do pai. Seu pai morreu jovem, quando ela ainda era criança e por isso sentiu muito a falta dele para defendê-la. Embora convivesse e tenha sido educada pela mãe não a via como capaz de defendê-la dos problemas que a vida lhe reservava e não se conformava com a perda do pai.

Eu passei muitos anos e eu não consegui aceitar que não tenho pai. Acho porque eu via como a sociedade já fazia isso, e você sem ter pai que lhe defendesse. Sinta o que é? A gente aprendeu que o homem era forte, o que defendia. Então só eu tinha só mãe (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

De certa forma a perda do pai contribuiu para que Maria do Socorro Gomes Silva tivesse adotado duas filhas. Ela precisava de alguém que suprisse o vazio deixado pelo pai, ao mesmo tempo queria saber o que era ser mãe. No íntimo desejava ser mãe e pai de suas filhas e mostrar a elas a realidade de ser mulher

negra. Nesse instante se deparou com outro preconceito: mãe de duas filhas e ser solteira. Esse preconceito ainda é evidente, conforme nos revelou: “a sociedade também tem preconceito em outro ponto. Além da mulher negra, além da questão social, ainda tem a mulher negra que já chega numa idade e não casou. Né? Gera também um preconceito”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Maria do Socorro Gomes Silva ainda disse que sofreu bastante com as atitudes preconceituosas da sociedade em virtude de suas práticas sociais estar à frente do seu tempo, na metade século xx. Na sua concepção fazia o que tinha vontade.

Eu fui da época que uma mulher não fumava eu já tava na praça fumando. Eu sempre fui de dizer que eu fazia as coisas que queria. Assim. Não era. Não tinha um período da história que a mulher era independente, que... Mas menina eu achava que eu tinha que ser dessa. E eu ia mesmo. Na época que a mulher não ia pro bar, eu já ia ao bar e tomava uma cerveja e eu ia sozinha. Se não tivesse quem fosse. Eu ia só e chegava lá. Eu tinha o dinheiro da cerveja. Quem quisesse passar e olhar? Agora você fica à mercê dos homens também, que acha que você porque tá sentado ali, você vai com qualquer que aparecer. Que também não é. Aí quer dizer: aí eu acho que a sociedade também faz isso com a gente. Você não é o que você é (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Nas suas inquietações quanto à educação Maria do Socorro Gomes Silva disse relacionar os conteúdos das aulas com o cotidiano dos alunos, ela ver diferentes situações de preconceitos vividas pelos (as) alunos (as) e colegas professores (as).

{...} a gente professor (a), enquanto professor (a), educador (a) que a gente deve ser. Eu acho que a gente ainda deve lutar muito. Muito porque os passos... Tudo bem começou! Muita coisa já foi feita. Mas precisa muito e precisa que mais gente seja sensibilizada, principalmente na nossa classe. {...} Eu acho que é um compromisso muito grande, porque vocês não sabem o que um professor (a) faz na cabeça de uma criança. O médico. As pessoas dizem que o médico mata e ele aleija. Mas nós professores (as) fazemos pior. Porque a gente não mata, mas a gente passa o resto da vida com problemas por causa de situações que a gente participou e que a gente não fez nada. Então. Eu acho que é só isso que eu tenho a dizer a vocês. Tem que buscar e cada vez mais tentar fazer. Mesmo a gente sabendo que a gente não faz cem por cento, mas a gente sempre vai procurar fazer um pouquinho mais pra vê se muda. Quem sabe no século XXI, né? Porque nesse a gente ainda sofre muito (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).



Na sua narrativa a Professora Socorro nos trouxe as situações de preconceito e discriminação que sofreu, e que ainda são vivenciadas cotidianamente pelas mulheres negras no Brasil do século XX.

Nessa perspectiva, na condição de mulher negra são pertinentes as questões reveladas pela Professora Lúcia de Fátima Júlio, mais uma mulher negra paraibana que luta por seus direitos numa sociedade cheia de preconceitos e que a todo custo tenta invisibilizá-las, visto que assim como a Professora Socorro ela também carrega traços da discriminação e do preconceito racial.

As formas preconceituosas de tratamento dedicadas às pessoas negras vêm desde a escravidão, elas só foram ampliadas e são construídas constantemente nas relações sociais estabelecidas entre as pessoas, ela está no trabalho, na política, na vida social, na vida econômica. Para a Professora Lúcia a sua realidade na cidade de Alagoa Grande não é diferente.

Eu me vejo na sociedade de hoje ainda muito invisibilizada. Tanto nas questões do trabalho, como é na sociedade de maneira geral, a política, a social, a econômica. E porque é que eu sinto essa invisibilidade? Porque as pessoas ainda não estão acostumadas a vê um profissional negro ou negra que tenham algum destaque. E infelizmente ela passa a procurar a desqualificar e a não valorizar o seu trabalho profissional, e até também a sua vida social. E a sociedade de Alagoa Grande como toda sociedade brasileira ela é preconceituosa, ela é racista ela é discriminatória. Porque ela é um recorte da sociedade do país. E é essa sociedade que hoje nós temos, é enquanto Brasil (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

No enfrentamento do preconceito a presença da família na vida da Professora Lúcia foi fundamental, principalmente a figura do pai; personagem que a Professora Socorro se ressentiu não ter tido quando criança. Apesar de o pai da Professora Lúcia ter sido muito discriminado pelos colegas de trabalho, ou seja, da Polícia Militar da Paraíba, não se deixou abater, seguiu adiante, visto que chegou a patente de coronel. Nesse sentido foi um aliado importante da filha no enfrentamento ao preconceito. Para tanto, incentivou a Professora Lúcia e suas irmãs na questão educacional. Segundo essa professora: “Ele ensinou que pra gente sobreviver nessa sociedade e ter condições de vida melhores nós tínhamos que estudar”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012). Mesmo que os estudos não as levasse a novas perspectivas, os estudos foram parte importantíssima na luta contra o preconceito racial.

Essa nossa interlocutora falou que a partir dessa afirmativa do seu pai construiu muros que de certa forma a fez não confiar nas pessoas, e por isso teve problemas na construção das suas relações de amizades. Disse que seu pai era cuidadoso com ela e suas irmãs, e dessa forma ensinou-lhe a não confiar nas pessoas.

Por isso, durante a entrevista a Professora Lúcia falou constantemente no fato de precisar quebrar barreiras, que ainda estão presentes na sua vida e que atrapalharam na relação afetiva com outras pessoas. Disse que sentiu dificuldade com relação às amizades, mas não na sua vida familiar, pois os muros que ela construiu foram para com os de fora como percebemos no seu relato. “A minha dificuldade em relação à afetividade é laços de amizade. {...} Eu achava mais fácil é construir essa redoma e ficar no centro, mas na maioria das vezes foi uma construção de proteção mesmo... (Silêncio)”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Apesar de a Professora Lúcia se proteger da discriminação; esta estava na família, sua avó materna era racista, já que seu pai era negro e sua mãe branca. A sua avó materna não gostava dela e de suas irmãs por serem negras e diferentes dos outros netos, que eram brancos. Dessa feita, a relação de preconceito foi ativa e uma constante na sua infância. “Porque, por exemplo, a minha mãe ela é de uma família não negra e minha vó ela era racista. Entendeu? Ela abraçava os outros netos, nós não”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

O fato de a Professora Lúcia ser negra fez com que ela sofresse preconceito também na escola. Contou a nossa interlocutora que ao entrar na escola passou por momentos que ainda hoje atingem uma grande quantidade de crianças negras, ou seja, a discriminação racial, como vemos nesse relato.

Eu acho que o meu grande problema na construção dos meus muros foi no sentido de infância. Não é um problema familiar, é no sentido de convivência e começou na escola. Porque é na escola era uma escola particular, era de freiras, onde estavam pessoas que tinham condições econômicas melhores. E de negra só tinha eu e minhas irmãs. Não tinha outras pessoas e tem até um fato assim. Se você me perguntar assim: o que é que você lembra-se do infantil e primário? O que lembro é que quando cheguei à escola. Assim. Até hoje eu me emociono. Eu sou chorona. É eu assim muito feliz porque estava de farda, aquela farda com saia prensada. Quando eu cheguei assim no grupo de menina assim, uma disse: ela é da cor da farda (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

No enfrentamento do preconceito a Professora Lúcia passou a se fechar, e se isolar das outras pessoas.

{...} é como se eu fosse totalmente invisível no sistema escolar. Mas em tudo mesmo. Eu não brincava e ninguém me chamava para brincar, mal falavam comigo. Isso das professoras, as freiras e as colegas da sala. E é isso que eu me lembro do meu ensino primário. Eu não me lembro de outra coisa. Parece que é um bloqueio. A única coisa que me lembro são esses fatos (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

No ginásio e no ensino médio essa interlocutora colocou o fato de ser deixada de fora das ações e eventos que ocorriam na escola, o que a incomodava.

{...} Quantas vezes gostariam muito de ter guardado aquela bandeira e nunca fui. (Risos). Porque era um orgulho pra gente, coisa que hoje o aluno hoje não tem. De a gente fazer aquela guarda de bandeira do colégio feito um soldado. Né? Era o maior orgulho, mas eu nunca fui colocada não. De maneira nenhuma fui (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Quando a Professora Lúcia passou no vestibular da UFPB para o curso de Agronomia em 1978 passou pela discriminação de gênero e racial, como tantas outras mulheres, principalmente as mulheres negras,

Aí quando cheguei à universidade lá foi outro choque. Porque lá você teve o preconceito racial, teve o preconceito de gênero. Quando eu cheguei lá nós éramos 14 mulheres e o resto era tudo homem. {...} Aí é lógico que voltei a enfrentar a questão da discriminação racial, mais também a discriminação de gênero. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Assim como inúmeras mulheres negras enfrentam dificuldades no acesso ao primeiro emprego com a Professora Lúcia não foi diferente, pois passou por várias dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Eu me lembro de quando no meu primeiro emprego. Isso é minha primeira proposta de emprego. Teve uma firma que estava se estabelecendo na Paraíba, e eu fiz as provas, fiz tudo. Eu fiquei em primeiro lugar e eu não fui contratada não. Mas eu me lembro de que o presidente ou era o chefe do RH ele me chamou lá na sala e disse: Olhe. Aí foi discriminação racial. Porque ele fez assim: pra você é

bom pesquisa. Você se saiu muito bem nas provas. Parabéns. Mas a empresa não vai te contratar porque ela prefere um homem para a vaga. Mas a empresa contratou veterinária. E não foi só a questão de gênero. Aí não (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Frente a essa realidade preconceituosa a Professora Lúcia não desanimou e buscou meios para lutar na sociedade contra a discriminação e o preconceito sofrido desde a escola primária até o ensino superior. As situações de preconceito, apesar de a magoarem, a fortaleceram. Associada a isso, apontou a busca do conhecimento acerca das relações etnicorraciais no Brasil, o que se tornou um dos meios de lutar.

Fortaleceu-me na busca por conhecimento. Entendeu? Na busca por conhecimentos. É na busca de procurar ler mais, estudar mais. Por exemplo de ter argumentos e armas para lutar contra a discriminação, contra o racismo, contra o preconceito. E hoje eu não tenho nenhum problema se eu sofrer algum preconceito. Eu vou para a justiça sim. Porque hoje eu sei como utilizar. Coisa que antes eu não tinha como utilizar o conhecimento não. Aí depois eu fui para o Paraná. Fui trabalhar no Paraná, em Londrina. É era uma empresa multinacional (Pausa). E engraçado é que era uma empresa onde nós não tínhamos profissionais negros. Mas eu sofri e sofro mais discriminação racial no nordeste, do que lá. Porque lá eles valorizavam o meu conhecimento (Pausa). Entendeu? Como é: as condições que eu dava as propostas que eu tinha no trabalho, o desenvolvimento do meu trabalho. Eu não senti lá as pessoas desqualificarem o meu trabalho. No nordeste sim (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Depois de não ter sido contratada para assumir a função de agrônoma por uma empresa na Paraíba, a nossa interlocutora partiu com destino ao Paraná onde foi contratada para a função de agrônoma e trabalhou por um bom período, mas teve que voltar, pois seu pai adoecera. De volta a Alagoa Grande, em 1984: “Aí eu vou trabalhar na Secretaria de Agricultura do Estado. Eu sou funcionária da Secretaria de Agricultura do Estado”. (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

A Professora Lúcia ainda graduou-se em Geografia e a partir de então ingressou no magistério público municipal tendo realizado concurso para Professora de Geografia da Educação Básica. Concursada começou a ensinar na Escola

Candido Régis de Brito, na comunidade de Zumbi<sup>36</sup> na cidade de Alagoa Grande. Fez o curso de Geografia como complemento de Agronomia, e para buscar mais conhecimentos que pudesse ajudar na sua prática como agrônoma, mas acabou no magistério, uma vez que deixou a profissão de agrônoma e passou a exercer unicamente a de Professora de Geografia.

O curso de Geografia tem muito a ver com Agronomia. {...} Aí fiz concurso para o município para a área de Educação. Fui aprovada. Aí fui trabalhar em Zumbi e lá. Lá em Zumbi é uma população onde tem grande número de afrodescendentes. Eu senti a necessidade de eu ter mais conhecimento. Foi quando fiz o primeiro curso sequencial de História e Cultura Afro-brasileira, foi em 2003 (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Na trajetória acadêmica durante o curso de Geografia a Professora Lúcia também sofreu preconceito por ser mulher negra, principalmente por parte de um dos professores. Em sua opinião na universidade,

Tem discriminação sim. Ali no curso de Geografia tem. E assim as pessoas discriminam, mas é de maneira implícita. Eu lembro muito bem de um professor. {...} Quando ele olhou e viu que eu tava assim na sala, ele disse: olhe, mas eu gosto de pessoas negras. Tanto que minha filha faz capoeira. Aí pior foi a desculpa, foi muito pior a discriminação. A justificativa que ele foi dar porque ele gostava de negro, mas que o vizinho dele tava prejudicando, e aquela coisa toda. Aí cada vez que ele falava ai era que acentuava o racismo e a discriminação dele (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Mesmo qualificada a mulher negra é discriminada, e com a Professora Lúcia não foi diferente, uma vez que a sociedade brasileira em diferentes momentos históricos atualiza os mecanismos de não aceitação das pessoas negras, e a aponta como sendo o outro. Por isso, as mulheres negras ao longo da história são as que mais lutam para construir o seu espaço na sociedade.

É porque a mulher negra ela tem que matar um leão por dia. As pessoas negras parecem que todo dia, o seu, a sua graduação, o seu conhecimento tem que ser provado. E isso, acontece até hoje (Pausa). É uma dificuldade que nós temos a de sermos aceitas. As pessoas não nos aceitam tranquilamente não. Por exemplo, e é principalmente quando você tá numa função que tem certo destaque. Sempre tem aqueles colegas de trabalho que eles vêm até você. Isso

---

<sup>36</sup> Zumbi é um distrito da cidade de Alagoa Grande-PB, localizado na saída para Juarez Távora.

daí explicitamente te desqualifica, o teu trabalho (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Na vida afetiva a Professora Lúcia disse que a construção dos muros que ergueu em torno de si para se proteger do preconceito a prejudicou, sobretudo, porque perdeu a confiança nas pessoas,

Na realidade eu sempre construí meus muros. Não é? E... (Pausa). Eu nunca, não é que eu nunca namorei, é lógico que namorei. Mas que eu nunca confiava muito não. Entendeu? E eu acho que essa falta de cumplicidade hoje me levou a ser solteira (Risos) (Conforme entrevista concedida em 14/12/2012).

Mesmo assim não deixou de enfrentar o racismo, uma vez que o enfrenta diuturnamente. Disse que ainda pode haver muitas mudanças no Brasil, e um dia passarmos a vivermos com mais igualdade e com menos discriminação a começar pelas professoras, visto que elas são importantes, para isso é necessário que (re) construam a sua visão de mundo, e quebrem com o preconceito.

### 3.2- ALGUMAS REFLEXÕES

No decorrer da história do Brasil do século XX a exclusão e a discriminação fazem parte do cotidiano das mulheres negras nas suas diferentes formas. Ao longo desse século elas passaram por diferentes processos e lutaram por melhores condições de vida, moradia e saúde, e também contra o preconceito racial. Além de enfrentarem constantemente a violência doméstica, a desigualdade social e de acesso ao mercado de trabalho, afora os assédios sexuais, e agressões, causadas por uma sociedade machista patriarcal<sup>37</sup> e preconceituosa que ao longo desse século insiste em determinar o lugar social das mulheres e em especial das mulheres negras.

Por isso nesse trabalho fizemos uma releitura da história de vida das Professoras Lúcia e Socorro a partir das suas memórias. Dessa feita, traçamos um percurso na Paraíba do século XX e atentamos para a condição da mulher negra.

---

<sup>37</sup> Refiro ao sistema onde a mulher é colocada como coadjuvante em todas as relações sociais, e coloca o homem como superior na organização social colocando as mulheres como “objetos” e assim julgando-as inferiores, principalmente com relação as mulheres negras que sofrem com relação aos aspectos políticos de uma organização social ainda desigual.

Nesse sentido colocamos o fato de que elas lutaram contra a exclusão e se sobressaíram, haja vista, terem se contraposto as imposições estabelecidas pela sociedade e conquistaram seu espaço.

Mesmo que a história das mulheres negras no Brasil venha sendo desvencilhada isso não significa dizer que estas estejam totalmente isentas das tradicionais imagens e representações, tais como incapazes e lascivas sexualmente, pois o preconceito ainda é recorrente. Assim os estudos sobre as mulheres negras e sua presença na sociedade brasileira como sujeito ativo no século XX é questão primordial a ser elencada, além das novas discussões desde que fomentadas no campo acadêmico.

Nesse contexto percebemos na trajetória de vida de duas professoras da cidade de Alagoa Grande-PB, com isso evidenciamos os caminhos trilhados por elas em meio à discriminação e o preconceito em plena sociedade do século XX. Com isso compreendemos como elas enfrentaram o preconceito e como construíram ou não suas identidades de mulheres negras e afirmaram-se cidadãs paraibanas e brasileiras.

Nos depoimentos das professoras entrevistadas destacamos alguns aspectos relevantes, sobretudo, o modo como elas se veem e como construíram suas identidades na sociedade brasileira. Por meio das entrevistas percebemos que vivenciaram e enfrentaram diversas formas de racismo e preconceito nos vários lugares e ambientes sociais que frequentavam, até mesmo no espaço familiar. A discriminação e os preconceitos vivenciados pelas Professoras Lucia e Socorro de certa forma são vivenciados pelas mulheres negras da cidade de Alagoa Grande-PB e de todo país.

O preconceito atinge mulheres negras de todas as idades e em todos os espaços, mas a discriminação racial não é a única forma de preconceito vivenciado por essas mulheres, elas enfrentam também o preconceito social.

O preconceito racial está também na família, nas ruas, nas cidades, em todos os lugares e muitas vezes de modo explícito e implícito. Nesse contexto as Professoras Lúcia e Socorro se sobressaíram e se construíram cidadãs brasileiras.

Mesmo que comumente haja um discurso recorrente de que no Brasil as pessoas negras têm seu espaço, principalmente a mulher, esta por sua vez ainda é colocada como inferior, uma vez no mercado de trabalho percebe que ganha salários inferior ao homem branco, à mulher branca e ao homem negro. Outro

aspecto recorrente é o fato de que as mulheres negras não são valorizadas quanto à sua capacidade profissional e intelectual, uma vez que enfrentam as desvantagens em relação aos demais sujeitos sociais com relação a acesso ao mercado de trabalho, ao ensino superior, entre outros espaços sociais.

Na afirmação das mulheres negras, cidadãs brasileiras, a educação, é, sobretudo, um dos fatores importantes, visto que as tornam reconhecidas pela sociedade. Por isso, se percebe que a mulher negra vem a cada dia buscando diferentes meios e formas, para se inserir na sociedade contemporânea. Dessa forma se afirmam sujeitos da história e com isso cidadãs paraibanas e brasileiras.

As nossas interlocutoras trouxeram à tona as situações que vivenciaram ao longo da vida, e nessa trajetória evidenciamos as lutas travadas por elas para se tornarem cidadãs, conquistarem seus direitos e objetivos.

Na vida das professoras o acesso à universidade e a profissionalização foi decisiva para a afirmação da cidadania. Apesar de na época não haver políticas públicas que assegurasse as mulheres negras acesso à universidade, elas contaram com o apoio de pessoas que lhes garantiram o direito de frequentar uma instituição de ensino superior. Até se profissionalizar a Professora Lúcia nos revelou que seu pai a ajudou muito e a ensinou a enfrentar os medos e o mundo que os discriminavam. No caso da Professora Socorro foi à mãe quem lhe ajudou por toda a infância até ela conseguir o primeiro emprego. Mesmo assim ambas enfrentaram o preconceito, não só elas, mas suas irmãs também. Dessa forma, o pai da Professora Lúcia e a mãe da Professora Socorro às ajudaram no acesso à escola até ao ingresso na universidade.

No percurso que as Professoras Lúcia e Socorro trilharam na sociedade paraibana elas construíram as suas identidades de mulheres e de negras gradativamente, pois na afirmação como mulher negra e cidadã, a educação, sobretudo, a formação superior foi fator importante e ajudou a ser aceita e reconhecida na sociedade.

As interlocutoras enfrentaram barreiras diversas, pois as mulheres negras nunca se deixaram abater pelas dificuldades e assim romperam padrões, ou seja, construíram seus espaços, e trilharam caminhos, até pouco tempo visto como impossível para as mulheres, principalmente as mulheres negras.

Apesar das disparidades sociais, raciais e de gênero a que foram submetidas e são gritantes, às mulheres negras romperam com alguns paradigmas



existentes e adentraram alguns espaços sociais, para isso enfrentaram o racismo, e o preconceito de gênero. Mesmo assim se afirmaram em meio à negação social.

Dessa forma, elas se afirmaram cidadãs e, assim ocuparam lugares de poder na sociedade, mas nem por isso estão livres do preconceito racial, pois muitos ainda veem as pessoas pelo fenótipo<sup>38</sup> e não pelas capacidades intelectuais.

As nossas interlocutoras são reconhecidas pela sociedade por serem professoras, mas muitas vezes não são reconhecidas como capazes e agentes ativas participantes da história. As professoras Socorro e Lúcia se enxergam agentes ativas que lutam por seus direitos, mas que a sociedade ainda insiste em excluí-las.

---

<sup>38</sup> Coloco aqui essencialmente como as características físicas, morfológicas e fisiológicas das pessoas. Ou seja, a imagem, a fisionomia da pessoa. Com isso as pessoas veem as mulheres negras pela sua cor de pele como sinônimo de inferioridade e não como sujeitos ativos da história e de sua capacidade intelectual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa fizemos referência as mulheres negras paraibanas. A partir da memória das professoras que entrevistamos evidenciamos as batalhas que tiveram de enfrentar no século XX. As personagens do nosso trabalho se sobressaíram na sociedade ao ponto de ingressarem na universidade pública em diferentes cursos das ciências humanas, dessa forma, se qualificaram e ingressaram no mercado de trabalho como professoras, atuantes.

Logo, no percurso que fizemos pela trajetória de vida dessas professoras; mulheres negras que nasceram e estudaram na sociedade paraibana no período de 1950 a 1980 compreendemos o percurso que elas trilharam até ser o que são hoje na sociedade brasileira.

Em meio às transformações ocorridas na sociedade analisamos a trajetória de vida das Professoras Lúcia e Socorro, o que nos possibilitou compreender as relações de poder na sociedade patriarcal, sexista, racista, entre outros, que muitas vezes nega o próprio racismo, mas que inferiorizam as pessoas negras e em especial a mulher negra. Assim, as nossas interlocutoras se organizaram, se fortaleceram para reescrever suas histórias de vida, nesse contexto romperam as formas com que as pessoas as veem como inferiores. Com isso se adentraram em espaços a priori negados. Por isso, escreveram suas histórias e romperam com muitas barreiras.

Ao longo da ação evidenciamos a busca pela igualdade de direitos com o (a) outro (a) (branco (a)) e a possibilidade de viver melhor. Deste modo, reescrevemos suas trajetórias como sinal da quebra de alguns empecilhos e limitações preestabelecidos pela sociedade brasileira. Ao percorrermos os caminhos traçados pelas mulheres, nos deparamos com um longo caminho que percorreram na busca pela igualdade, visto as oportunidades e possibilidades serem diversas, mas nem sempre acessíveis às mulheres negras.

Nesse ínterim recorremos às memórias das Professoras Lúcia e Socorro a partir dos seus relatos, experiências passadas, alegrias, traumas, desse modo percebemos que elas ainda enfrentam o preconceito no dia-a-dia.

Afora isso, elas construíram suas identidades de mulheres negras. No percurso que trilharam ficou explícito o racismo, o preconceito nos ambientes sociais que frequentaram, até mesmo na vida familiar. Refazer a trajetória de vida dessas

professoras nos possibilitou interligar aos dias atuais, sobretudo, porque ainda hoje as pessoas negras vivenciam o preconceito constantemente. Frente às situações de preconceito existe a exclusão relacionada à sua condição de ser negra. No entanto, o preconceito não se limita ao racismo, ele abrange também as relações de gênero enfrentadas pelas Professoras Lúcia e Socorro.

Todavia, o preconceito e o machismo também acompanhou a vida das interlocutoras pelo fato de ser mulher e negra entoa a existência do preconceito social, político e ainda econômico, de forma explícita, mas também implícita. Na trajetória de vida das Professoras Lúcia e Socorro, elas se afirmaram como mulheres negras e cidadãs brasileiras atuantes na educação. Sobretudo, entendemos a formação superior como importante em suas vidas, pois as ajudou a se aceitarem e se reconhecerem no meio social, visto que elas passaram a se valorizar pelo que tem e são. Através de suas vivências, traçamos as barreiras superadas, ademais identificamos suas conquistas, afirmações ou “negações” de sua identidade enquanto mulheres negras, participantes da História do Brasil.

## REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV.3 ed. 2005.

ALMEIDA, Giane Elisa Sales de. História da educação escolar de mulheres negras: as políticas públicas que não vieram... In: **Intermeio**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, MS, v.15, n.30, p.219-232, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Trabalho e educação: **Aprendendo a ser mulher negra**. RJ. s/d.

BENJAMIM, Walter, 1892 – 1940. Experiência e pobreza; o narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAVALCANTE, Simone Joaquim. **Entre a história e a memória**: Adélia de França uma professora negra na Paraíba do século XX (1926 – 1976). Dissertação de mestrado.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FERREIRA, Aline Santos & SOARES, Emanuel Luís Roque. A Educação das mulheres negras como uma forma de conquista dentro da sociedade brasileira: estigmas x direitos. In: **Anais do III Seminário Nacional de Gêneros e Práticas Culturais**: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa: UFPB, 2011.

GOMES, Nilma Lino. EDUCAÇÃO, RAÇA E GÊNERO: Relações Imersas na Alteridade. In: **Cadernos Pagu** (6-7) 1996

\_\_\_\_\_. Mulheres Negras e Educação: Trajetórias de Vida, Histórias de Luta. Artigo baseado em outro texto. In: **revista Cadernos Pagu**, Unicamp, 1996, n.6-7.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. In: WALKINS, Gloria & WEST Cornel. **Breaking Bread**: insurgent black intellectual Life. – Tradução de Marcos Santa Rita. Boston: South End Press, 1991.

LIRA, André Augusto Diniz. Entre memória e identidade social. **INTERFACE**, vol. 1,

n. 2, jul/dez, Natal-RN, 2004.

MANSON, Ana Karina. **EJA e Mulher Negra**: vencendo pedras no caminho à emancipação. SP: IFET, 2010. (Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Profissional).

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n.10, p. 07-28, dezembro de 1993. São Paulo: PUC, 1993.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. A Trajetória de uma intelectual negra: uma voz subalternizada? In: **Anais do XI Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais**: diversidades e (des) igualdades. Salvador: UFBA, Campus de Ondina, 2011.

\_\_\_\_\_. Trajetórias, feminismo negro e narrativas sobre solidão afetiva entre mulheres negras ativistas e não-ativistas em Salvador, Bahia. In: **Anais do GT – Raça e Etnia** (NEIN – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher FECH – UFBA) s/d.

PALMEIRA, Francineide Santos. Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: intelectuais negras, poesia e memória. In: **Terra roxa e outras terras**: Revista de Estudos Literários. Volume 17 – A, dezembro, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Mulheres no ensino superior no Brasil. In: **Raça, Gênero e Educação Superior**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação Salvador – 2001.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertiooga a Beijing. In: **Estudos Feministas**, ano 3, nº 2, 1995.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista**: população e parentesco espiritual. – São Paulo: Editora UNESPE, 2009.

RODRIGUES, Adriana Severo. São mulheres e são negras: relato de experiências com mulheres negras que estão cumprindo pena em regime aberto ou semi-aberto. In: **Anais do GT – Raça e Etnia** (NEIN – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher FECH – UFBA) s/d.

SILVA, Irailda Leandro da. Identidade e educação de mulheres negras de Buíque-PE. In: **Anais do XI Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais**: diversidades e (des) igualdades. Salvador: UFBA, Campus de Ondina, 2011.

SILVA, Maria de Lourdes. Práticas sociais e processos educativos: a liderança da mulher negra em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. In: **Anais do Fazendo Gênero 9**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: UFSC, 2010.

SOUZA, Eliane Almeida de. A exclusão social e sua dialética com a mulher negra no século XXI. In: **Anais do Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC, 2008.

VERÍSSIMO, Silvana. Mulheres negras brasileiras ao passar do tempo, da barbárie da escravidão a atoras sociais. In: Anais do **Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC, 2008.

## ANEXOS

### ANEXO 1

**14 de dezembro de 2012. Entrevista com a Professora Maria do Socorro Gomes Silva, da cidade de Alagoa Grande-PB.**



Foto de: Maria do Socorro Gomes Silva.

**Entrevistador:** Como a senhora (você) se vê na sociedade brasileira?

**Socorro:** Então. Como eu me vejo na sociedade hoje? Então. Eu. E eu acho que todas as outras pessoas negras. Eu acho que se vê todo mundo igual. É o que? Se a gente vai numa loja. É o que? Alguém... Quando a gente chega numa loja. Você pode até chegar toda enfeitada, e muitas vezes as pessoas nem olham pra onde você tá. Porque olham pra você assim, de cima a baixo. Pra eles você não é visível. Então ao contrário, se chega outra pessoa, de outra cor. Às vezes até desarrumada, de havaiana, mas ela é reconhecida. Não é? Como uma pessoa que tem dinheiro e que vai comprar. Que você muitas vezes até fica chocada, porque as pessoas muitas vezes saem, assim atrás de você, como se você fosse fazer uma coisa errada. Você fica... Se olhando. Quer dizer. Isso é o que a gente vê na sociedade. Não é? Na política, em todos os segmentos da sociedade. É numa igreja, que você vai alguém olha pra você diferente. É o que eu vejo na sociedade hoje. Apesar de várias discussões, apesar de já se falar muito do tema, do racismo, das leis que existem, as pessoas ainda, todas ainda não acordaram. Nem acordou tanto, negro, porque tem tanto negro que tem até preconceito com o próprio negro. Ele também olha para ele como se ele fosse diferente, a cor dele é diferente. Que às vezes olho assim: oxente! E a cor desse aí? Como é? Quer dizer isso a gente também vê na sociedade.

**Entrevistador:** E você? Como é que você se vê Maria do Socorro Gomes Silva?

**Socorro:** Eu me vejo... (Silêncio) Eu já me trabalhei muito, mas eu ainda não me vejo assim com essa segurança toda. Porque é tanto muro que lhe cerca, que você fica ali no meio. Mas você ainda tem medo. Apesar de você dar alguns passos, mas você ainda se vê. Mas eu enfrento o dia a dia. Eu enfrento todas as barreiras que acontecem. Eu tento da minha forma. Eu sou assim extrovertida. Eu às vezes até aquela discriminação eu tiro como se fosse uma brincadeira. Sabe? E eu vivo nessa sociedade, dessa forma.

**Entrevistador:** Essas discriminações, elas te magoam?

**Socorro:** Magoam. Porque é como se você fosse inferior à outra pessoa. Quando alguém olha pra você do pé a cabeça ele tá dizendo que você é inferior a ele. Isso a gente vê constantemente. No dia a dia você encontra. E além do mais não é nem só



negro, é a condição social. A pessoa olha pro outro. Hoje você olha se uma pessoa tem uma calça de marca, se não tem, você é discriminada. Quer dizer: no total a sociedade em si ela faz isso com a gente. Ai a gente tá nesse processo... Têm todas essas discussões, tem tudo isso, mas já faz dez anos da lei, mas a gente ainda vai passar muitos anos nessa situação, porque muitas vezes. Quantos são professores? Porque educadores não, e eles próprios fazem isso? Eles levam para a sala de aula e o aluno sai e vai passando para outro. Nessa sociedade eu vejo muito isso.

**Entrevistador:** Fale sobre sua vida em família/afetividade.

**Socorro:** E sobre a minha família, desde pequena que eu tenho discriminação dentro da minha família. Primeiro a minha família, as pessoas não são negras. O negro era meu pai. A família da minha mãe era todo mundo muito branco. Na época daquele povo antigo que negro para ele não valia nada. Meu avô era galego do olho azul e minha mãe casou com meu pai, que a família não queria de jeito nenhum. E por ai começou. Eu nasci igual a meu pai. E na própria família meus primos, todo mundo: tudo que eu fazia: é a nega, foi à nega. Tudo era a negra. Você ficava sabe. Você tinha medo de tudo, porque tudo no mundo dizia que era você. E pensa como doía esse nome de negra. Doía tanto quando o pessoal dizia. Procura apelido de toda qualidade pra colocar em você. Né? Eu lembro que meu avô era a pessoa que ficava com maior cuidado porque eu era a única mulher e naquela época os homens também tinham mais cuidado com mulher. Apesar de ser negra, mas eu era mulher, ele tinha cuidado por que... E eu fui crescendo, as irmãs de mamãe, quando arengavam entre os meninos diziam: foi à nega de fulana. Quer dizer, você vai se acostumando com aquela história. E você tem medo. Aonde você tá tudo que o povo fala você tem medo. Tá todo mundo aqui, mas de repente alguém pode apontar pra você porque você é negra. E você já tem medo que isso aconteça. Na minha vida eu senti muito isso.

**Entrevistador:** Quando criança como é que se deu a relação afetiva entre você e sua família dentro de sua casa?

**Socorro:** Na minha família não... Porque meu pai ele foi embora. Na época ele era trabalhador da construção e foi embora pra São Paulo, Brasília. E eu fui criada com a minha mãe.

**Entrevistador:** Isso foi em que ano?

**Socorro:** {...} (Silencio longo). Acho que sessenta. Anos 1960. Eu fui criada com a minha mãe. Ela sempre precisou trabalhar. Primeiro... Depois disso, a família também deu mais cobertura a ela porque ela ficou só e começou a procurar a ajudar. Ela começou trabalhar como funcionária pública para me criar. E eu fui estudar. Estudei primeiro na escola pública. Estudei no Apolônio Zenaide. Eu não sentia porque eu era tão criança e tinha gente de toda qualidade, tinha negro de toda qualidade. Então eu não sentia tanto. A única coisa que você sente porque na verdade você não era escolhida pra nada.

**Entrevistador:** Isso foi no primário?

**Socorro:** No primário, foi. Isso foi no primeiro ano, que hoje era a educação infantil. Ai, minha mãe sempre assim se preocupou muito de eu estudar. E a minha família não é assim de pessoas que estudam muito. Essa geração de hoje é diferente da minha. Na época não estudaram, quem mais estudava era eu. Era eu.

**Entrevistador:** Você é a única filha formada?

**Socorro:** Eu sou filha única. E na família da minha geração, a única formada sou eu. Ai quer dizer: aquilo ali a minha mãe tinha muito cuidado queria que eu estudasse. Ai tinha na época um colégio, que era tido aqui. O colégio do Rosário. Que foi o colégio que Lúcia estudou e tinha o colégio ao lado que estudavam as pobres: colégio das pobres e colégio das ricas. E eu estudei no colégio das pobres. Ai lá tudo bem. Só que a gente sentia a discriminação social maior. Porque o colégio era em cima, a gente ficava vendo, lá tudo era rica e a gente era as pobres. E eram freiras também. As freiras daqui ia pra lá. O tratamento, tudo lá com os ricos, tudo era diferente do tratamento da gente, e depois com o tempo, a escola que era das pobres se juntou para o colégio das ricas. Então foi todo mundo pobre estudar no colégio das ricas. E lá houve uma revolta na cidade, que começou as ricas não aceitava. Muita rica foi embora, foi estudar no colégio em Natal, foi estudar em João Pessoa e foi saindo e ficou. O colégio começou a diminuir agora, foi na época que

as freiras foram embora porque o colégio ele não tinha rendimento. Porque a gente que foi estudar lá, já era de graça. A gente passou a estudar de graça. E eu me lembro muito que na época. Eu não tinha esse conhecimento que eu tenho hoje. Eu não entendia muito. Mas hoje depois que eu já li, já participei de mais coisas, que eu começo a ver que era muita discriminação. Sabe? Na escola lá, eu lembro na época, eu gostava muito de estudar. E como eu gostava muito de estudar eu tirava muitas notas boas. Minhas notas eram tudo notas boas. Então. Eu tinha... A freira me mandava estudar na casa das meninas ricas, que era para ensinar a elas. Quer dizer: nunca ela mandou que alguém fosse na minha casa. Mas eu que tinha que ir na casa delas. Eu ia na casa dessa fulaninha, dizia: Socorro! Olhe você vai estudar na casa de fulana. Ai eu ia. Começava estudar com aquela menina. Mas quando eu ia, a menina só queria brincar. E eu já começava a querer brincar também. Eu. E eu me lembro de que fui numas três casas com brincadeiras. Ai minha nota não tava muito boa. A minha mãe dizia: não. Você não vai mais estudar na casa de fulana não. Porque a minha mãe também não entendia porque a freira me mandava estudar na casa da outra. Até que um dia eu fui estudar, tava estudando na casa de uma delas e fiquei com a nota baixa, e a irmã mandou chamar minha mãe. Minha mãe foi ai... Mas ela tá tirando nota baixa irmã, porque ela tá indo estudar na casa das colegas delas. E eu não gosto que ela vá pra casa das colegas delas. Então, a partir de agora não vai mais. Ai, pronto eu deixei de estudar na casa das meninas. Ai eu não sentia essa diferença de não brincar com elas, porque elas precisavam de mim. Então, elas não me jogavam. Elas precisavam, em tava sempre ali. Então. Não é? Na escola teve essa parte e nesse tempo que eu estudava ai as freiras foram embora, e eu fui estudar no Padre Hildon Bandeira. No padre Hildon Bandeira era todo mundo igual. E aquelas meninas que eu estudei no colégio. Sabe? No colégio do Rosário. Foram estudar lá. Então elas continuaram com amizade comigo. A gente comentou, que lá todo mundo... Era a diversidade. E eu lembro que num sete de setembro, ninguém me escolhia. Aquela história que ninguém te escolhia pra ir. Você tem a maior vontade de ir. Você vê todo mundo ir, e você fica triste porque você não vai. E não vai. Toda vida eu fui metida. Eu chegava ia pedir. E eu fui pedir, porque as minhas colegas tudinho ia e eu tinha que ir também. Mas eu não pude ir assim de Princesa Isabel, essas coisas (Risos). Mas eu fui levando a placa dela. Na frente, vesti outra roupa e a minha vontade era de vestir uma roupa que não fosse à farda. Não é? Isso ai aconteceu, mas era porque eu andava atrás. Eu não ficava

assim... Eu não sabia por que o pessoal não queria e eu pedia. Eu quero ir, mas deixa eu ir? Que eu... Mas sua mãe pode fazer a roupa? Pode. Ai eu chegava em casa, porque eu também comecei trabalhar. Aos 14 anos eu já comecei ensinar. Por quê? Porque eu precisava também me manter. Ai comecei a trabalhar. E foi dessa forma.

**Entrevistador:** Como foi esse trabalho?

**Socorro:** Eu fui ensinar. Naquela época todo mundo era professor. Sabia ler, terminou a 4ª série vai ensinar. Eu fui ensinar. Foi em, nos anos 1970. Ai eu fui ensinar, porque ai continuei estudando porque eu tinha que ajudar também minha mãe. Ela não podia dar as coisas que eu precisava. Ai eu tinha que trabalhar. Ai eu comecei, fiquei trabalhando e estudando. Depois eu fui, ai fiz o vestibular. Ai inconsciente, eu acho que eu tinha vontade de fazer Serviço Social, ser assistente social. Acho que era porque, por conta dessa situação. Eu não entendia de negro, eu entendia de classe social. Ai por isso, eu tinha vontade de fazer. Ai fiz o vestibular. Nesse primeiro eu não passei, e de repente eu disse: não vou fazer isso mais não. Vou fazer História. Ai fiz História, passei. Na época não estudei na Universidade Estadual da Paraíba, que é hoje, mas era FURNE, na época Universidade Regional do Nordeste.

**Entrevistador:** Você estudou em Campina Grande?

**Socorro:** Foi. Estudei em Campina Grande.

**Entrevistador:** Foi em que ano?

**Socorro:** Eu terminei em 1982. Era na época que Eliete, que hoje tá na UEPB, Marta Lúcia foram minhas professoras na época. E naquela época a gente não discutia esses temas.

**Entrevistador:** Por que História? Por que o curso de História?

**Socorro:** Me deu. Eu gostava de História. Gostava de estudar História. Agora é não tinha a consciência que tenho hoje. Mas não tem aquela disciplina na escola. Tem sempre uma disciplina que você gosta. E eu gostava de História. Ai eu fiz História. No começo não era nem História. Eram Estudos Sociais. Eu fiz Estudos Sociais, só que na época com habilitação Moral e Cívica. Ai não quis a habilitação Moral e

Cívica. Ai fiz o curso de História. Na época a gente ainda lutou porque como tinha mudado o currículo. A gente tinha que passar quatro anos e a gente tinha estudado dois anos. E como era que a gente ia estudar? A gente entrou na justiça, a gente estudou mais dois anos só e concluiu História.

**Entrevistador (a):** no curso como é que era essa relação?

**Socorro:** Ai no curso a gente não sentia tanto. Mas a gente não sentia tanta. Existiu ainda. Um dia desse eu tava lembrando porque na época eu não entendi, e hoje eu entendo que teve uma professora. Naquela época Campina tinha muita vida noturna. E você sabe... Teve ano na nossa história que o pessoal gostava muito de se arrumar. Em Campina Grande tinha essa história. Por quê? Porque o pessoal só saia muito de noite pras boate. Pra que? Como a gente saia daqui. Pra gente não ficar tão diferente das outras. A gente também saia toda arrumada. E um dia a professora discutiu comigo por conta disso. Por que ela perguntou? Por que eu ia tão arrumada pra escola? E não é que essa professora implicou comigo o semestre todinho e me reprovou. E hoje eu entendo que não só era. Não era porque eu ia arrumada. Era porque eu era negra. E eu ia muito arrumada igual aos brancos. Hoje? É que eu vejo depois. Por que na época não entendi. Não sei por que essa professora implicou comigo. Sempre, uma vez quando eu abri a porta, porque a porta ficava sempre fechada. Quando eu abri, eu só não... As outras mínimas daqui de Alagoa Grande. Aí na minha sala só tinha eu e outra. Ai ela disse: Por que vocês vêm tão arrumadas? Vocês vão para alguma festa? Mas a gente não queria ficar humilhada das outras colegas, e ela... Aí eu até disse: mas uma professora preocupada porque a gente foi com aquela roupa, ou deixou de vir? Aí eu também não sou de não responder não. Eu respondi: por que na cidade onde eu moro todo mundo anda arrumado. Eu fiz uma prova, um trabalho ela botou três. Tem condição de a pessoa fazer um trabalho e ela botar três? Não tem. Quando eu olhei: prova final. Com raiva. Ai eu fumava muito nessa época. Quando foi um dia já nas últimas aulas, ai ela pegou e pediu um cigarro. E as meninas disseram: tu não tem não Socorro? Tenho mas não dou. E ficou, ficou. Depois pra matar ela, eu peguei e acendi um cigarro e fumei pra ela vê. Ai pronto! Foi a gota d' água: reprovada. Eu disse: mas eu vou ficar reprovada com essa mulher? Vou nada. Fui falar com... Tinha, na época o reitor/coordenador, sei lá. Ele ensinava na faculdade vizinha, de Pedagogia. Eu esperei ele passar e falei com ele. Aí ele mandou fazer uma revisão

de prova, aí eu fiz revisão de prova e passei. No outro semestre quando ela chegou, só pagava a outra história, antiga (risos), medieval se eu tivesse pagado antiga. Quando ela chegou e eu me sentei na 1ª cadeira, e comecei encarar ela. Aí ela olhou pra mim, e disse: pois agora o aluno que não passar eu passo de todo jeito. Quer dizer: ela me discriminou. Foi a única professora. Até hoje. E eu me lembro muito dela. Acho que por conta disso. Você lembra muito. É como se eu tivesse agora vendo ela. Por que eu sinto isso com ela?

**Entrevistador (a):** Como era a relação com os colegas?

**Socorro:** Com os colegas não. Com os colegas não teve não. Não teve problema nenhum com colegas não. Porque existia também negros, existia não negros. Tudo tinha na sala. E era um grupo pequeno, eram só dez. Só a minha turma. Aí não teve esse problema não.

**Entrevistador (a):** No 2º grau aqui em Alagoa Grande. Como é que foi?

**Socorro:** Não. No 2º grau. Não teve por conta disso. Porque é teve alunas que já eram minhas amigas da escola, no Rosário. Aquelas que eu fui muito pra casa delas. Então elas eram minhas amigas também no colégio. Aí não tive problemas no colégio.

**Entrevistador (a):** Como era a relação com os professores (as) no 2º grau?

**Socorro:** Também não. Os professores aqui no colégio não me lembro de... De nadinha com nenhum deles não. Era um... Gostava de todos eles, lembro muito de todos eles, e não lembro assim de éter ficado chateada com alguma coisa com nenhum.

**Entrevistador (a):** As famílias das suas amigas lhe viam de forma diferente?

**Socorro:** Não. Porque eu ia pra ensinar a elas. Ia só chegava, ai estudava com elas, chegava àquela hora vinha pra casa ia pra escola. Porque, eu acredito que não tinha. Podia até ter, mas eu acho que não via. Sabe? Eu não via. Por quê? Não sei. Na hora que você não compreende, às vezes acontecem coisas bobas na sua vida, que você pensa que é por outra coisa e tá lá embutidinho e você não sabe o que é aquilo. Porque na verdade. Eu com o curso de História, mais também eu terminei em 1982, e fiquei parada, não estudei mais nada, fiquei aquela história. Você tem um

curso, ai tá bom demais, ai pronto. Comecei. Aí sempre trabalhei. Comecei. Continuei sendo professora. Na época com eu já era professora. Minha carteira já assinada como professora. Isso em 1980 minha carteira já foi assinada como professora. Eu não tinha terminado. Ainda estava cursando. Terminei em 1982. Aí quando terminei. Eu ensinava História. Depois eu fiquei sendo diretora. Comecei a sentir dos colegas, das colegas professoras. Não era tanto, da escola que eu trabalhava, mas das outras, das outras diretoras. Quando ia a uma reunião, que uma se aproximava mais de mim. Diziam tu és besta, nunca vi nega tão besta. Aí a outra dizia: oh! Fulano, ela é tão besta. Sabe aquelas historinhas que você... É como se você. É. Eu acho que é a forma de eu conversar muito de... Mesmo sabendo que você não sabe muito história, eu chego e converso. Agora se eu sentir... Pera ai, eu vou sair. Eu tenho essa parte. Eu sofro menos porque eu vou atrás. Agora se você vê. Agora, até quando eu fui fazer especialização. Ai na especialização, lá que eu conheci meu amigo Waldeci. Né? Ai foi com as aulas. Foi com as aulas. Porque é aquela história foi amor à primeira vista. Quando eu vi Waldeci, ele era assim, ele era aquele professor, que eu achava que era professor. Sentava lá, tomava café com a gente. Aí eu comecei a vê que era um professor que eu achava que devia ser que é o educador que a gente tem que ser. Ter muita amizade com o aluno. E dali eu prestei muito atenção nas aulas dele e ali ele falava muito da temática. Aí eu comecei a me interessar. Depois teve um cursinho lá de o negro no livro didático, e eu fui. Aquela vontade e a partir daí foi que comecei a analisar minha vida pra poder eu entender as coisas que eu tinha passado com relação a negritude. Que foi meu orientador. Eu disse vai ser meu orientador. Quase que não era, que ele esquece. Que eu disse que era ele meu orientador.

**Entrevistador (a):** Você começou no mercado de trabalho na educação, aos 14 anos?

**Socorro:** Com 14 anos.

**Entrevistador (a):** Na escola pública?

**Socorro:** Na escola pública.

**Entrevistador (a):** Foi através de concurso?

**Socorro:** Não. Naquela época era aquela história. Minha mãe foi falou, era o prefeito na época e ai ela foi falou, ai disse: ela já tem a 4ª série, o primário, pode ensinar. Ai eu fui ensinar. Naquela época você ensinava multi seriada, uma sala, ai você tem... Você matricula você sai matriculando. Tem aluno, e tem todas as séries.

**Entrevistador (a):** Como era a sua relação com os alunos?

**Socorro:** Com os alunos era aquela relação que a gente tem hoje como você. É. Não tem essas professoras hoje de reforço? Que é somente, você ensina o que você sabe. Você não tem didática, você não sabe nada disso. Você. É do seu eu. Que você vai passar daquela forma. Você vê o que? É você ensinar, a eles aprender a ler. Que é o que... A gente só aprende na verdade como é que a gente deve se comportar didaticamente, depois que a gente faz curso. Mas antes disso a gente ensina só pra o aluno aprender a ler, escrever e contar.

**Entrevistador (a):** Essa sua experiência de já estar na sala de aula lhe estimulou a fazer licenciatura?

**Socorro:** A ir fazer licenciatura também. E o curso de História porque eu também já gostava da disciplina.

**Entrevistador (a):** A partir daí você entrou no Estado como professora ou continuou no município?

**Socorro:** Não. Não entrei. No Estado eu entrei como diretora. Eu continuei professora do município, até hoje.

**Entrevistador (a):** Foi diretora na escola do Estado?

**Socorro:** Fui diretora na escola do Estado e na escola do município também.

**Entrevistador (a):** No Estado você era prestadora de serviço?

**Socorro:** Prestadora de Serviço. Só que era cargo comissionado. Passei 16 anos na Escola Normal, como diretora.

**Entrevistador (a):** Nesses 16 anos como é que foi a sua gestão com relação aos professores?



**Socorro:** Pronto. Aí já veio o que? Eu não fazia parte do quadro do Estado. Aí tinha aquelas pessoas lá que já eram antigas na escola e tudo. Aí vem você lá de fora. A primeira barreira foi que, na época a diretora era Dona Dorinha. Que era filha de Doutor Agnaldo. E Dona Dorinha aqui era uma deusa. Todo mundo... Quem ia substituir uma pessoa dessas? Antes de eu ir, eu já sabia que o povo não me queria. Não queria que eu fosse. Cada um que chegava com notícias. Se você não for forte, você tem medo de enfrentar. Eu vim e fui. Quando cheguei lá conversei com eles e disse: aí pronto, fui e disse pra que tava indo pra lá e tudo. E eles aos pouquinhos foram aceitando e depois. Os 16 anos que passei lá foi muito bom o relacionamento aluno e professor, todo mundo.

**Entrevistador (a):** Nesse processo de educação como você se constituiu enquanto cidadã, como diretora. Nesse processo em que você trabalha?

**Socorro:** Pronto. Aí. Com relação ao meu trabalho eu procurei... A partir daí eu procurei fazer de todas as formas para eu ser aquela diretora que eu achava que deveria ser. Eu procurei a ler eu buscava isso, aquilo outro ia aprendendo. Porque até então eu tinha trabalhado com o ensino fundamental. E eu não tinha trabalhado com o ensino, principalmente profissionalizante. Eu fui me deparar com isso. E lembro-me de um dia, eu não sabia de nada que tinha lá. Cheguei. Sabe o que é você chegar cego sem saber de nada. E eu lembro que cheguei... Na época tinha em João Pessoa era um grupo que... Era uma ação pedagógica profissionalizante. Elas vieram mesmo. Fazia uma semana que eu tinha chegado. E ela chegou e ela começou a perguntar. E eu não sabia nada. E você começa logo a ver que as pessoas não vão acreditar, já não quer acreditar. Porque achava que você não dava conta. E ver que você não sabia nada? Assim em termo de secretaria, como funcionavam os históricos, todas essas coisas... Eu sabia da parte fundamental. Mas o que tinha de lei, de... Aquilo ali me deu mais força para eu estudar. Passei uma semana. Eu tirei tudo que tinha e comecei a estudar, ia ler, ia cobrar, ia pedir. Porque também se não sei eu peço. E comecei a pedir a menina que era adjunta. Ela já era desde a fundação da escola. Eu comecei a pedir a ela, e ela foi me dizendo. E eu fui... Com... Não deu 15 dias ela voltou. E depois entendi. Se ela tivesse voltado e eu estivesse do mesmo jeito eu tinha saído. Mas quando ela veio, ela veio num horário em que a adjunta não tava. Eu tava sozinha na secretaria, e ela chegou. Aí todas as perguntas que ela fez da outra vez, dessa vez eu sabia. A partir

daí. Aí até a adjunta me disse: que essa mulher tinha dito que tinha saído arrasada, porque achava que na escola normal a gente não sabia de nada. Porque na verdade eu cheguei. Eu tinha que primeiro, que alguém sentasse e me dissesse. Até aí ninguém tinha me dito nada. E pronto. A partir daí quando eu me inteirei de tudo que existia na escola e como funcionava. Pronto! A partir daí, aí o pessoal começou a ver que eu sabia, aí começaram a respeitar. Porque sabia que eu realmente sabia. Trabalhei os 16 anos. Tudo bem, graça a Deus. Lúcia ainda trabalhou lá comigo.

**Entrevistador (a):** O fato de você ser mulher negra impediu, foi algum impedimento na sua vida em algum momento. Por exemplo na relação afetiva, namorar?

**Socorro:** Namorar. Foi Na época. (Silêncio). Não assim. (Silêncio). O rapaz. Quando ele veio namorar com você já viu na sua cor. Agora a família dele é que é difícil. E eu lembro até hoje que o medo que eu tinha era ele dizer assim: vai na minha casa. Ai um dia ele veio.

**Entrevistador (a):** Ele era branco?

**Socorro:** Era. Aí eu morria de medo de ir. Por que. Meu Deus como é que esse povo vai me achar? Vai dizer o que? Aí realmente. Teve um que eu fui... Quando eu cheguei, a mãe dele olhou pra cara do filho e disse: mas uma nega? (Silêncio). E eu lembro que dessa vez morri de vergonha e fiquei calada, não dei uma palavra. E mesmo assim continuei e fui outras vezes depois que eu era amiga da irmã dele e depois com o tempo ela aceitou tudinho. Mas o primeiro momento tem que você não ser aceita pela família, a pessoa ter que aceitar você. Porque quando você vê alguém você gosta do jeito que ela é. Agora quem vai depois dizer, dar algum veredicto é o pai ou mãe? E geralmente, hoje a gente sente que mudou... As pessoas pelo menos se não mudou lá dentro, mas elas procuram pelo menos fingir. Porque hoje também tem muito fingimento. Aceita você porque também começa a ver que não adianta ficar dizendo, falando, como se falava no passado. Hoje as pessoas fingem que aceitam. Agora no passado, eles diziam mesmo na cara das pessoas. Que não quero, porque aquela pessoa é negra, que isso aquilo outro. Isso ai eu passei por muita coisa. E marca você por toda vida. Ah! Você fica com o pezinho atrás. Sabe? Se você é... Vai ser aceita por aquelas pessoas? Você fica como se sabe, um bibelouzinho, que vai chegar e alguém vai dar a nota a você e dizer...

**Entrevistador (a)** Hoje essa relação afetiva com os alunos com relação a ser mulher negra, ela é mais aceita?

**Socorro:** Vamos dizer assim! Oh! É mas ainda tem... Porque você. Quando eu sou sua amiga, mas quando você vai me apresentar para outra pessoa? Você não diz logo que eu sou... Diz logo o que eu tenho. Ela é formada. Quer dizer: é como se fosse um passaporte, você ser aceito pela pessoa. E o que eu sinto muito. Eu já comentei algumas vezes, que eu já senti de pessoas que eu considero. Fala como se não tivesse preconceito, mas que lá dentro tem, não deixa de ter não. A hora, na forma de falar você sente o preconceito na hora que apresenta você a alguém. Ai diz, essa é Socorro, mas ela é diretora da escola, ela é formada. Ela é isso aquilo outro. Eu não estou valendo o que eu sou, mas o que tenho. Na verdade eu poderia ser Socorro Gomes. Eu sou eu. Né? Não quero saber, aqui professora e nem nada. Sou Socorro Gomes só. Então eu acho que se eu considero a pessoa não tenho preconceito. Eu tenho que dizer: essa aqui é minha amiga Lúcia. Por que o que vale é Lúcia ser minha amiga, não é Lúcia ser agrônoma, não é Lúcia ser professora. Hoje as pessoas... Ainda sinto isso.

**Entrevistador (a):** Você casou com esse namorado?

**Socorro:** Não. Não. (Silêncio) Até eu fiquei solteira. Acho que nem eles depois não quiseram mais, os pais não quiseram e pronto (mudança no semblante, ar de tristeza).

**Entrevistador (a):** Você atribui o fato de ter ficado solteira ao preconceito?

**Socorro:** Não.

**Entrevistador (a):** Atribui a quê?

**Socorro:** Agora me pegou. Não. Porque na verdade, às vezes acho assim. Tem gente que casa tem gente que não casa. Acho que foi pra eu não casar. Na minha família tem muita solteirona. Eu acho que eu vim numa dessas (Risos). Mas não foi não. Porque também eu namorei, depois eu namorei com negros também.

**Entrevistador (a):** Essas mulheres solteironas da sua família são brancas ou negras?

**Socorro:** Brancas. Porque os que eram negros da família do meu pai casou todo mundo.

**Entrevistador (a):** Na sua trajetória de vida. Quais os problemas que você vive ainda hoje?

**Socorro:** ... (Silêncio prolongado). Eu acho que um dos problemas que eu enfrento muito tempo, foi e trouxe até hoje, porque meu pai foi embora para trabalhar eu tinha três anos. Meu pai morreu eu tinha sete anos. Aí você morando numa cidade pequena né? Cidade do interior, somente com a mãe. Mesmo com a mãe. Eu tinha muito... Até hoje. Eu passei muitos anos e eu não consegui aceitar que não tenho pai. Acho porque eu via como a sociedade já fazia isso, e você sem ter pai que lhe defendesse. Sinta o que é? A gente aprendeu que o homem era forte, o que defendia. Então só eu tinha só mãe. E parece destino. Hoje eu adotei duas meninas, e hoje eu sou a mãe de duas mulheres também. São três mulheres numa casa. Quer dizer: a vida que eu tive na infância, hoje ela acontece de novo.

**Entrevistador (a):** As suas filhas adotivas não conhecem os pais?

**Socorro:** Só uma. A minha mais nova ela não conhece. Agora a mais velha conhece.

**Entrevistador (a):** Por que você adotou?

**Socorro:** Eu adotei, porque era assim. Eu sempre imaginei que na hora que eu não tivesse um filho, eu tinha que ter alguém. Passar por essa etapa, saber o que era ser mãe? Por isso, eu adotei, adotei uma e depois eu fiquei com medo porque quando ela chegou lá em casa ela tinha quatro anos e a mãe dela passou muito tempo lá em casa e eu fiquei achando que ela podia ir embora. E eu tinha me apegado muito, aí fui adotei outra. Porque essa era no dia de nascer era registrada no meu nome para ninguém tomar. Mas graça a Deus continuaram as duas. Até hoje estão as duas. Aí eu acho que uma foi à presença do masculino.

**Entrevistador (a):** Como é a relação de afetividade entre você e suas filhas?

**Socorro:** Ah! Graça a Deus é tudo muito bem. Eu faço... É uma relação assim muito de amizade, de brincadeira. A Minha mais velha já tem 20 anos, ela hoje mora fora e a gente fica contando, as duas, as horas para ela chegar. Não é? E a pequena está

na adolescência. Tá com 12 anos e dar aqueles trabalhos de adolescentes. Eu acho mais assim, que eu sinto. Eu sinto assim que eu sou ausente, porque eu trabalho dois horários. Que eu tô lá na Prefeitura e tô com a mais nova no meu pé. Toda hora. Agora não. Agora estou perto de me aposentar e a partir de janeiro ai eu vou está com ela.

**Entrevistador (a):** Essa discussão do ser mulher negra você faz com elas?

**Socorro:** Mostro muito a elas. Mostro assim que eu passei, as coisas assim que eu sofri, que me marcou. Vez por outra quando eu me lembro de alguma coisa eu converso com elas. E mostro também a elas não só o lado mulher negra, mas o lado também de você não estudar. Porque tem o lado social importante. A minha vida com elas tem muito...

**Entrevistador (a):** Elas são negras?

**Socorro:** Não. (Silêncio longo...) Agora assim a mais velha, ela não é negra, mas é aquela que a gente diz parda, que não existe? Na verdade é negra, mas não se considera negra ainda. Mas a outra não. A outra é branca demais. Parece que ela veio da Europa. (Risos).

**Entrevistador (a):** Algum preconceito pelo fato de você ser uma mulher negra com uma filha branca?

**Socorro:** Tem. Tem também. Porque aí a sociedade também tem em outro ponto. Além da mulher negra, além da questão social, ainda tem a mulher negra que já chega numa idade e não casou. Né? Gera também um preconceito. Porque ai você. Se você participa... Hoje as pessoas tem uma visão melhor. Pelo menos aparentam. Por que a mulher hoje ela já é... Hoje se o casamento não dar certo, hoje ela já separa, hoje já tem aquela... Mas até década de 1970, 1980 é... A pessoa vê muito assim casou aquilo ali parece que é pra toda vida e foi um prêmio que a pessoa recebeu porque casou e aquilo ali é uma bolinha de ouro que vou segurar ali. Né? Então você tá num lugar desse jeito. Aí tá todo mundo lá com marido, você tá no meio, você já de idade adulta e não é casada e bebendo, e com a vida normal que você tem, tomando... Ali já tá. Todo mundo já tá olhando pra você. Porque todo mundo já tá cuidando do marido, porque fica com medo que você que tá querendo... (Risos). Isso ai eu já passei muito, muito, muito.

**Entrevistador (a):** Como é que você lida com isso?

**Socorro:** Eu. Assim lá dentro você sente uma revolta tão grande sabe. Mas você não vai poder mostrar pro povo a revolta que você tem. Aí você aparenta a história da aparência. Aí você mostra que não tem, mostra que é superior a ela, só que lá dentro você sente. Aí você diz que a vida é sua, que você faz o que você quer tudinho. O seu discurso. Lá dentro você se magoa, porque você não sente confiança que depositava naquela pessoa. Você sente que é uma pessoa que é olhada de outra forma. E eu às vezes até ri quando penso, pra minha época: acho que eu fui à frente da minha época. Sabe? Eu fui da época que uma mulher não fumava eu já tava na praça fumando. Eu sempre fui de dizer que eu fazia as coisas que queria. Assim. Não era. Não tinha um período da história que a mulher era independente, que... Mas menina eu achava que eu tinha que ser dessa. E eu ia mesmo. Na época que a mulher não ia pro bar, eu já ia ao bar e tomava uma cerveja e eu ia sozinha. Se não tivesse quem fosse. Eu ia só e chegava lá. Eu tinha o dinheiro da cerveja. Quem quisesse passar e olhar? Agora você fica a mercê dos homens também, que acha que você porque tá sentado ali, você vai com qualquer que aparecer. Que também não é. Aí quer dizer: aí eu acho que a sociedade também faz isso com a gente. Você não é o que você é. Você tarde da noite na rua? Hoje não. Mas naquela época as nove, dez horas da noite você andar sozinha na rua? Você já era vista diferente. Não é? Mas isso ai nunca foi... É tanto que eu dizia. Agora eu dizia por causa da minha mãe. A minha mãe tinha aquela visão própria... E agora trinta anos se eu não tiver um filho. Tenho. De todo jeito. Mas aí aconteceu que eu fiz histerectomia. Foi por isso, que eu adotei.

**Entrevistador (a):** Nos momentos que você se posicionou com atitudes mais liberais a sociedade lhe via de outra forma?

**Socorro:** Via.

**Entrevistador (a):** Os homens e as mulheres chegavam a falar?

**Socorro:** Não. As mulheres falavam. Agora não falavam na cara da pessoa, mas falava por trás. E não era muito. E não só eu existia. Mas na escola que eu estudava já tinha muita mudança. Aqui em alagoa Grande muita menina já tava estudando em Campina e morando sozinha. Então essas meninas elas já eram vistas como

diferentes. Porque moravam fora, e diziam: ninguém sabe o que az em Campina Grande? Aquilo vai estudar? Quer dizer: era essa a visão que as pessoas também tinham da gente. E na verdade muitas vezes tinham pessoas que não estudavam em Campina, estudavam aqui, tudo santa e a situação não era diferente. É aquela história, você parece e não é. Aí isso a sociedade cobra muito da gente, cobra muito mesmo. (Silêncio prolongado).

**Entrevistador (a):** Que outras questões você gostaria de falar.

**Socorro:** Não. Eu vejo só o seguinte: que puxando pro lado da educação, que a gente professor (a), enquanto professor (a), educador (a) que a gente deve ser. Eu acho que a gente ainda deve lutar muito. Muito porque os passos... Tudo bem começou! Muita coisa já foi feita. Mas precisa muito e precisa que mais gente seja sensibilizada, principalmente na nossa classe. Porque a gente, ainda você muitos professores (as) que se dizem educadores (as), e que a gente vê nos corredores da escola eles (as) discriminando os alunos. E fazendo comparações dentro da sala e os alunos ainda continuando revoltados, não querendo ser negro, tentando não ser negro por conta dessa sociedade que ainda tá dessa forma e o mais impressionante é professor ainda. Que a gente encontra professores (as) que dizem assim: eu as vezes fico analisando. Eu já ouvi professores (as) dizerem que nunca tiveram problemas com o fato de ser negro. Que dizer: não existe aqui. Aí o que é que você entende. Essa pessoa transmite o que para os colegas, os alunos dela. Não é? Você ainda pensa é...quem é bonito, quem é feio? Quem pode? Quer dizer: e é professor (a). A gente ainda precisa buscar muito, lutar muito pra que a gente consiga principalmente vocês que estão terminando. Eu acho que é um compromisso muito grande, porque vocês não sabem o que um professor (a) faz na cabeça de uma criança. O médico. As pessoas dizem que o médico mata e ele aleija. Mas nós professores (as) fazemos pior. Porque a gente não mata, mas a gente passa o resto da vida com problemas por causa de situações que a gente participou e que a gente não fez nada. Então. Eu acho que é só isso que eu tenho a dizer a vocês. Tem que buscar e cada vez mais tentar fazer. Mesmo a gente sabendo que a gente não faz cem por cento, mas a gente sempre vai procurar fazer um pouquinho mais pra vê se muda. Quem sabe século XXII, Né? Porque nesse a gente ainda sofre muito.

**ANEXO 2**

**14 de dezembro de 2012. Entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Júlio, da cidade de Alagoa Grande-PB.**



Foto de: Lúcia de Fátima Júlio



**Entrevistador (a):** Como a senhora (você) se vê na sociedade brasileira?

**Lúcia:** Eu me vejo na sociedade de hoje ainda muito invisibilizada. Tanto nas questões do trabalho, como é na sociedade de maneira geral, a política, a social, a econômica. E porque é que eu sinto essa invisibilidade? Porque as pessoas ainda não estão acostumadas a vê um profissional negro ou negra que tenham algum destaque. E infelizmente ela passa a procurar a desqualificar e a não valorizar o seu trabalho profissional, e até também a sua vida social. E a sociedade de Alagoa Grande como toda sociedade brasileira ela é preconceituosa, ela é racista ela é discriminatória. Porque ela é um recorte da sociedade do país. E é essa sociedade que hoje nós temos, é enquanto Brasil.

**Entrevistador (a):** Fale sobre sua vida em família/afetividade.

**Lúcia:** A minha vida de, na família ela sempre foi muito calcada na luta. Não é? Porque meu pai ele foi da polícia militar, chegou a coronel. E como ele foi o primeiro coronel negro da PM ele sofreu muita discriminação, e teve até um fato: é que quando o governador assinou a promoção dele, teve colegas que foram lutar para que ele não conseguisse chegar ao posto de coronel. Quer dizer: isso o fortaleceu a nos orientar pra gente estudar e lutar pra condições melhores na vida. Porque ele nunca escondeu o que ele passou dentro do quartel não, nas delegacias e como ele era enviado para as cidades onde existiam problemas. E quando esses problemas eram resolvidos ele era retirado e voltava pro quartel. Ele ensinou que pra gente sobreviver nessa sociedade e ter condições de vida melhores nós teríamos que estudar. Agora foi uma parte também dura, porque ele... Vamos dizer nos ensinou a não confiar nas pessoas, a construir muros. E essa construção de muros ela sempre me afastou das pessoas. Eu tenho uma dificuldade não de dialogar, mas de construir amizades. Agora quando ela é construída, ela é. Entendeu? Pra sempre. Agora são poucas pessoas que eu confio para construir essa amizade. Quer dizer... Esse ponto de família ele era muito assim: cuidadoso com a gente. Mas ao mesmo tempo ele fazia assim: cuidado com o mundo lá fora. Não confia nas pessoas. E isso é uma reflexão da vida que ele teve. Isso ele passou pra mim. Já pras minhas irmãs, como eu era a mais velha, eu acho que eu absorvi muito mais do que elas; elas já têm um modo de se conduzir na sociedade com muito mais facilidade nessa questão de construir amizade e dialogo com as pessoas. Eu tenho dificuldade. Já melhorei

muito, mas eu ainda tenho muita dificuldade de confiar nas pessoas. E isso, essa questão de construir essa afetividade com as pessoas, ela afetou assim, até, por exemplo, no meu lado pessoal, porque pra mim é difícil, é muito difícil ainda. É lógico estou em construção. Eu luto contra isso, que não é assim: que eu devo modificar. Mas eu ainda tenho isso muito presente na minha vida. Sabe? Nessa questão de afetividade. E a minha família a gente sempre... Preocupamo-nos no sentido da valorização da educação. Porque só através dela é que nós podemos ter condições de vida melhores. Eu sou até muito paternalista, não só com pai, mãe, irmãos e sobrinhos também. Sabe? Eu tenho uma afetividade exagerada. Hoje eu acho até exagerada no meu grupo familiar. Por exemplo: os sobrinhos são como se fossem meus filhos. É daquela tia chata mesmo que pega o telefone quando eles não estão se conduzindo bem: quer isso? Não é assim? E passo aquele sermão que na realidade não seria o meu papel de tia. Mas sim o papel de mãe, e que eu faço esse papel sim. A minha dificuldade em relação a afetividade é laços de amizade. Não é no sentido de família. Eu sou até muito paternalista mesmo. Entendeu? Daquela que vai lá briga e faz o que for preciso. Agora é com relação as pessoas há muita dificuldade. Eu em relação as pessoas. E isso foi um medo que eu sempre tive essa questão de me magoar. Não sabe? Das pessoas me atingir. Eu achava mais fácil é construir essa redoma e ficar no centro, mas na maioria das vezes foi uma construção de proteção mesmo... (Silêncio).

**Entrevistador (a):** Quando menina essa discussão de negro se fazia na sua família?

**Lúcia:** Meu pai ele nunca gostou muito, por exemplo, sei ele é de Canguaretama, mas ele não, não falava muito como foi a infância dele em Canguaretama. É eu não sei como meu pai conviveu com a questão de negritude na infância e adolescência. Quando ele já tava próximo a partir ele uma vez, ele me disse que ele fugiu da escola, porque quando ele chegava à escola a professora o colocava na última carteira que tinha na sala de aula. E ele não poderia abrir a boca pra falar nada. Era uma pessoa invisível dentro da sala de aula. E é por isso que eu entendo como ele procurou até assim nos proteger não sabe. Essa questão de eu criar meus muros, as minhas dificuldades foi uma questão dele, ele fez pra mim proteger mesmo, de proteção. Quanto a mim ele não falava diretamente assim: Lúcia nós somos negros, mas eu sempre tive isso presente. Por quê? Porque por exemplo a minha mãe ela é de uma família não negra e minha vó ela era racista. Entendeu? Ela abraçava os

outros netos, nós não. É ela veio conviver com a gente quando ela perdeu a visão, e ela veio morar com minha mãe aqui em casa. Aí ela foi desconstruindo aquele preconceito que ela tinha, ela tinha. Entendeu? Eu convivi sim com essa relação de preconceito dentro da minha família sim. Agora que meu pai falava em relação, não. Já minha mãe falava mais. Quando tinha algum problema assim na escola, aí ela sempre dizia assim: mas isso é porque vocês são negras. Por isso as pessoas estão fazendo isso. Aí ela ia lá feita uma leoa, brigava sim e lutava e gritava sim.

**Entrevistador (a):** Fale sobre sua trajetória na escola; primário, ginásio, ensino médio e superior?

**Lúcia:** Na escola né? Na escola. O infantil e o primário é que eu tive um problema assim na minha trajetória de escola. Por quê? Porque meu pai tinha condição econômica ele valorizava o econômico e valorizava a educação pra colocar a gente na escola particular. E foi aí que o meu grande problema. Eu acho que talvez se eu tivesse começado os meus estudos numa escola pública, tenha sido mais fácil.

**Entrevistador (a):** Você começou a estudar na escola particular?

**Lúcia:** Eu comecei na particular. No colégio Da Luz, em Guarabira, desde o infantil.

**Entrevistador (a):** Em que ano foi?

**Lúcia:** Era colégio de freiras.

**Entrevistador (a):** Isso em que ano?

**Lúcia:** É. Não lembro. Não.

**Entrevistador (a):** O fato de você ser negra o tratamento foi diferenciado?

**Lúcia:** É por isso que digo a você. Eu acho que o meu grande problema na construção dos meus muros foi no sentido de infância. Não é um problema familiar, é no sentido de convivência e começou na escola. Porque é na escola era uma escola particular, era de freiras, onde estavam pessoas que tinham condições econômicas melhores. E de negra só tinha eu e minhas irmãs. Não tinha outras pessoas e tem até um fato assim. Se você me perguntar assim: o que é que você

lembra-se do infantil e primário? O que lembro é que quando cheguei à escola. Assim. Até hoje eu me emociono. Eu sou chorona. É eu assim muito feliz porque estava de farda, aquela farda com saia prensada. Quando eu cheguei assim no grupo de menina assim, uma disse: ela é da cor da farda. E até hoje isso me choca. E é por isso, que. (Pausa e choro). Trabalhar história e cultura afro-brasileira é um compromisso de vida, porque eu não gostaria que crianças passassem pelo que eu passei não. Isso aí foi só o começo né. Ai você é invisibilizada nas brincadeiras. É. Você é invisibilizada nas representações que a escola coloca. O que eu posso dizer pra vocês no sentido de primário. É uma, é como se eu fosse totalmente invisível no sistema escolar. Mas em tudo mesmo. Eu não brincava e ninguém me chamava para brincar, mal falavam comigo. Isso das professoras, freiras e as colegas da sala. E é isso que eu me lembro do meu ensino primário. Eu não me lembro de outra coisa. Parece que é um bloqueio. A única coisa que me lembro são esses fatos. Eu não me lembro de outra coisa. As vezes eu forço assim pra vê se chega, mas eu não consigo nessa fase do Colégio da Luz lá em Guarabira. É como se fosse, tivesse apagado da minha memória toda essa minha trajetória. E olhe que lá eu estudei quase meu primário todo. Viu? Viemo-nos pra cá em sessenta e seis. Aí eu continuei no Colégio do Rosário. E já aqui também houve problemas que minha mãe foi lá no colégio brigar também. Daqui...

**Entrevistador (a):** No Colégio do Rosário você foi terminar o primário?

**Lúcia:** Foi. Daqui. Tem essa questão. Foi mamãe lá brigar. Porque ela ouviu comentários que tinha ido algumas mães falar com as freiras pra não aceitar as nossas matrículas não é. Ela foi lá brigar mesmo. Entendeu? E nessa época de infantil e primário, na realidade, quando eu acho que comecei a me isolar e construir a minha redoma, o meu mundo. Entendeu? É que era muito difícil eu deixar as pessoas participarem. Até hoje na realidade eu tenho. Eu tenho poucos amigos. Agora são verdadeiros os que eu tenho. Agora são muito pouco. Não sou uma pessoa de muitos amigos não. É bem pouco. Sabe? E aí mas aí quando eu fui pra lá eu já era assim. Eu já tinha constituído essa questão de eu estar na sala, de eu estudar bastante, de me destacar nos estudos. Eu já me dedicava, eu já não procurava brincar com ninguém, não procurava amizade com turma nenhuma. É. Agora isso eu. Sabe? Porque por exemplo. Ana Paula nasceu aqui mais Tereza que é minha irmã outra irmã. Ah! Ela é daquela sim. Ela ia lá brigava e ela... O protesto

dela era no sentido de arranjar briga com professor, com aluno, com tudo. Sabe? Mas era no sentido também de proteção. Aí quando eu passo é... O colégio fecha e eu passo para o colégio estadual. Já lá eu me encontrei no sentido de que eu comecei encontrar pessoas que eram iguais a mim. Ai se você me perguntar: o ginásio, ensino médio? Aí eu me lembro. Eu me lembro das colegas, das professoras, de ter participado de atividades. Era como? Era como se eu tivesse começado a minha vida educacional. Mas quando eu passei a estudar na escola pública. Foi o colégio Padre Hildon Bandeira.

**Entrevistador (a):** No Colégio Padre Hildon Bandeira você fez o ginásio?

**Lúcia:** O ginásio e o médio?

**Entrevistador (a):** Como foi a sua trajetória nessa escola?

**Lúcia:** Como eu disse. Lá eu me encontrei. Porque encontrei Socorro, encontrei as meninas. Encontrei pessoas que eram assim iguais a mim no sentido da cor, de pensamento. Aí lá eu consegui construir amigos. Eu me lembro de Abigail, que era a minha professora. Eu me lembro das minhas professoras.

**Entrevistador (a):** Como era a relação com as suas professoras?

**Lúcia:** Eram boas. Eu. Eu não me lembro da minha trajetória na escola pública, pelos menos diretamente, eu ter sentido assim alguma discriminação de maneira explícita, porque a implícita tem que era a questão de você não participar do dia sete de setembro. De não ser aquele guarda bandeira, que eram as meninas mais bonitas, eram as loiras. Essa parte ai. Eu tive sim, como todas nós tivemos. Não era só comigo. Eu acho que isso era o que me confortava, porque não passou a ser diretamente pra mim, era no geral com as pessoas negras.

**Entrevistador (a):** Isso te incomodava?

**Lúcia:** Incomodava-me sim. Claro. Quantas vezes gostariam muito de ter guardado aquela bandeira e nunca fui. (Risos). Porque era um orgulho pra gente, coisa que hoje o aluno hoje não tem. De a gente fazer aquela guarda de bandeira do colégio feito um soldado. Né? Era o maior orgulho, mas eu nunca fui colocada não. De maneira nenhuma fui. Mas me incomodava sim. Incomodava-me. Mas era um tempo assim. Também eu não sabia como lutar nem brigar não. Eu procurava sempre me

recolher e ficar, não ultrapassava meus limites, que eu mesma colocava esses limites. Sabia? Aí já quando agente...

**Entrevistador (a):** Como se deu o acesso a faculdade?

**Lúcia:** quando eu terminei o ensino médio, aí eu fiz o vestibular primeiro para Engenharia Agrícola. Aí no edital do vestibular era para ser o curso, acontecer em Areia, mas foi para Campina Grande. Aí na época a gente entrou na justiça, o grupo todo que fez e recebeu o direito de escolher um curso na federal em qualquer área. Porque tanto que eu tenho colegas que começou agrícola e foram para odontologia. A gente teve esse direito de escolher. Aí eu fui para a Escola de Agronomia.

**Entrevistador (a):** Por que foi para Agronomia?

**Lúcia:** Porque é na realidade assim eu gostava. Não no sentido de extensão, mas o que me chamava à atenção na área de agronomia era trabalhar com paisagismo. Entendeu?

**Entrevistador (a):** E ao chegar à universidade?

**Lúcia:** Aí quando cheguei à universidade lá foi outro choque. Porque lá você teve o preconceito racial, teve o preconceito de gênero. Quando eu cheguei lá nós éramos 14 mulheres e o resto era tudo homem.

**Entrevistador (a):** Dentro do curso?

**Lúcia:** Do curso todo, da Escola de Agronomia.

**Entrevistador (a):** Da escola de Agronomia?

**Lúcia:** Da Escola de Agronomia. Não é? Aí é lógico que voltei a enfrentar a questão da discriminação racial, mais também a discriminação de gênero.

**Entrevistador (a):** Você entrou na universidade em que ano?

**Lúcia:** Foi... 1970. Na Escola de Agronomia foi em 1978. Eu terminei lá com três anos e meio, o curso, porque estudava. Aí como é que diz assim: eu acho que não teve ninguém que recebeu tanta bandejada na Escola de Agronomia como eu. Porque o restante é imenso não é, e é a turma masculina. Aquelas bandejas de inox, aí eles pegavam o garfo e a faca e tá, tá, tá... Desde a chegada à hora que você

lavava as mãos para atravessar todo o corredor até pegar a bandeja. Eu acho que eu passei muito mais de meses levando bandejada. Acabaram com os outros e eu continuei levando bandejada.

**Entrevistador (a):** Qual o sentido das bandejadas?

**Lúcia:** Assim. Tinha meninas que desistiam. Era pressão mesmo. Zélia que é parente aqui de Dalva ela não conseguiu ficar até o final não. Ela terminou desistindo do curso não é, porque era pressão mesmo. Entendeu? Era a turma toda assim, além de bater gritava. Eu me lembro de que no primeiro dia tremia tanto. Eu não sei como ela não caiu com comida e tudo.

**Entrevistador (a):** Eles gritavam o que, Lúcia?

**Lúcia:** Gritavam assim, davam vaia. Mas a questão assim não era explícita a ofensa racial.

**Entrevistador (a):** Por que a senhora não desistiu da Escola de Agronomia? Não fez como Zélia?

**Lúcia:** Porque meu pai sempre dizia assim: Olhe. Se você quer conseguir e atingir seu objetivo. Você vai desistir? Você não retorna não. Aí eu passei uns 15 dias. Chegava à mesa e chorava, e comia feijão com lágrima que era uma beleza. Mas eu ficava lá, mas eu não desistia. Mas levei muita bandejada. Pode ter alguém que levou igual a mim, mas mais do que eu, não? E era assim. Ela foi diminuindo. Tinha uma turma de Alagoas que era a pior turma que tinha na escola. Se eu quisesse vencer tinha que me aliar a eles. Ai teve um dia que eles deram uma bandejada danada. Ai eu peguei bandeja botei na mesa deles e me sentei (Risos). Sentei-me a mesa deles e comecei silenciosamente a comer. A partir daí parece que deu certo, que foi diminuindo. Sabe? Até acabar. (Risos). E dentro da faculdade em si. Ai tinha a discriminação de gênero e racial, porque, por exemplo, a gente tinha assim, quando ia assistir aula no prédio da mata, tinha hora que chegava os antigos parecia um corredor polonês. Eles não chegavam a bater. Sabe? Mas ficavam de um lado e do outro dizendo piadas (Risos). Agora em nenhum momento eram piadas racistas, tinha a implícita, mas não diretamente. Tinha mais a questão de gênero.

**Entrevistador (a):** As piadas eram pelo fato de vocês estarem num curso considerado masculino?

**Lúcia:** Masculino. Isso. Agronomia era tido como um curso masculino.

**Entrevistador (a):** A senhora lembra-se de alguma piada?

**Lúcia:** Não. (tom da voz suavizado). Porque assim, as coisas que me lembro de mais era quando eram as questões racistas. Porque as piadas quando eram de gênero não eram só para mim eram para todas as meninas. (Pausa). Ai na realidade eu meti a cara nos estudos para poder terminar o curso em menos tempo, e em três anos e meio terminei o curso de Agronomia. Mas no final do curso. Eu me lembro de assim. Teve um professor que ele disse assim. Ele me chamou na sala, aí disse assim: Lúcia. Olhe você está terminando agronomia. Mas você vai ter muita dificuldade de ficar na área. Porque você é mulher e você é negra. Não vai ser fácil para você não. Eu me lembro de quando no meu primeiro emprego. Isso é minha primeira proposta de emprego. Teve uma firma que estava se estabelecendo na Paraíba, e eu fiz as provas, fiz tudo. Eu fiquei em primeiro lugar e eu não fui contratada não. Mas eu me lembro de que o presidente ou era o chefe do RH ele me chamou lá na sala e disse: Olhe. Aí foi discriminação racial. Porque ele fez assim: pra você é bom pesquisa. Você se saiu muito bem nas provas. Parabéns. Mas a empresa não vai te contratar porque ela prefere um homem para a vaga. Mas a empresa contratou veterinária. E não foi só a questão de gênero. Aí não.

**Entrevistador (a):** As veterinárias eram negras?

**Lúcia:** Não eram negras. Eram brancas. Elas assumiram. Agora na época e foi a partir daí que eu comecei a me interessar pelos conteúdos, estudar história afro-brasileira e africana. Eu deveria ter ido à justiça. Mas não fui. Entendeu?

**Entrevistador (a):** Por que você não foi a justiça?

**Lúcia:** Eu acho que por desconhecimento mesmo. Desconhecimento mesmo. Por isso, que eu acho importante dentro, (na) escola os alunos negros e não negros saberem que existem leis e que nós podemos ir lá e lutar. Entendeu? Mas eu não fui. Eu aceitei a determinação dele, não lutei. Mas. Aí foi racial. Foi uma questão



racial mesmo porque para as veterinárias era um trabalho pesado também e elas foram contratadas. Não É? Contrataram duas veterinárias.

**Entrevistador (a):** O trabalho pesado era pelo fato de trabalhar no campo?

**Lúcia:** No campo e na extensão. Entendeu?

**Entrevistador (a):** A senhora acha que o preconceito sofrido desde o primário até o ensino superior afetou e afeta a sua vida hoje?

**Lúcia:** Não. Pelo contrário me fortaleceu. Fortaleceu-me na busca por conhecimento. Entendeu? Na busca por conhecimentos. É na busca de procurar ler mais, estudar mais. Por exemplo de ter argumentos e armas para lutar contra a discriminação, contra o racismo, contra o preconceito. E hoje eu não tenho nenhum problema se eu sofrer algum preconceito. Eu vou para a justiça sim. Porque hoje eu sei como utilizar. Coisa que antes eu não tinha como utilizar o conhecimento não. Aí depois eu fui para o Paraná. Fui trabalhar no Paraná, em Londrina. É era uma empresa multinacional (Pausa). E engraçado é que era uma empresa onde nós não tínhamos profissionais negros. Mas eu sofri e sofro mais discriminação racial no nordeste, do que lá. Porque lá eles valorizavam o meu conhecimento (Pausa). Entendeu? Como é: as condições que eu dava as propostas que eu tinha no trabalho, o desenvolvimento do meu trabalho. Eu não senti lá as pessoas desqualificarem o meu trabalho. No nordeste sim. Aí quando meu pai adoece eu volto para a Paraíba. Aí eu vou trabalhar na Secretaria de Agricultura do Estado. Eu sou funcionária da Secretaria de Agricultura do Estado.

**Entrevistador (a):** Desde quando você é funcionária da Secretaria de Agricultura?

**Lúcia:** Desde 1984. E (Pausa). Na secretaria eu fiquei a disposição da EMATER (Pausa). Hoje eu analiso assim: eu não ia muito. Eles não me levavam muito para ir para a extensão não. Eu ficava mais com a parte de projetos, de trabalhar com os projetos, de trabalhar com números. Porque naquela época não tinha o computador e tudo era manual, todos os cálculos. E eu ficava, e eu não tive problema não no sentido, por exemplo, como era boa nos projetos, que teve uma época que o Banco do Nordeste me pediu a EMATER e eu passei a fazer os projetos lá, como o Banco do Nordeste.

**Entrevistador (a):** Por que eles não levavam a senhora para a extensão?

**Lúcia:** Porque na época assim. Ah. Quem terminou o curso Técnico Agrícola e Agronomia sempre achou, e a questão de gênero. Sempre eles tiveram na cabeça que a extensão era um trabalho pesado para mulher. Andava muito e aquela coisa toda. Não era discriminação, tanto que eu fiquei com todos os projetos do escritório. E depois quando o Banco do Nordeste pediu uma pessoa, eles me indicaram e eu fui lá fazer o trabalho. Por isso, eu digo assim: não é não foi uma discriminação racial. Talvez mais uma questão de gênero mesmo e eles também, por exemplo, ah, eu me lembro de uma vez lá na EMATER chegou àqueles vendedores de coleções de livros, aí parou eu estava lá no bureau fazendo projeto. Aí ele fez assim: ofereceu aí eu disse: não. Não me interessa não. Aí o rapaz para aparecer, aí disse assim: pois é não posso tá oferecendo essas coleções a leigo. Antes de eu responder, o colega disse: não. Ela não é leiga não. Ela sabe muito mais do que você. Porque ela é Agrônoma sim. Tanto que ela tá fazendo aqui projetos do escritório (Pausa). Aí foi pediu desculpas, aquela coisa toda. Mas aí o preconceito foi dele, e eu disse assim que a questão deles era de gênero, porque na hora não teve nem tempo do rapaz responder. Eles já responderam mesmo. Por isso, a questão de eu ir muito pra extensão era mais uma questão do gênero mesmo. Aí quando, aí depois eu fui fazer o vestibular na UEPB e passei para Geografia, Licenciatura. Aí foi quando Socorro era diretora da Escola Normal e eu consegui ficar a disposição da educação. Aí eu fui falar com Socorro, fiquei a disposição. Aí eu fui estudar depois. Porque no início eu fiz licenciatura só para preencher o tempo.

**Entrevistador (a):** Em que ano você ingressou na UEPB no curso de Geografia?

**Lúcia:** Oh! Licenciatura. Eu acho que foi em 1999. Que em 2003 já tinha terminado. Fui fazer o primeiro curso de extensão com Waldeci.

**Entrevistador:** Por que escolheu o curso de Geografia?

**Lúcia:** O curso de Geografia tem muito a ver com Agronomia. Tudo a ver e pra mim era uma complementação do meu conhecimento. Agora hoje, se eu fosse fazer hoje, talvez fizesse História e não Geografia (Risos). Aí fiz concurso para o município para a área de Educação. Fui aprovada. Aí fui trabalhar em Zumbi e lá. Lá em Zumbi é uma população onde tem grande número de afro-descendentes. Eu senti a

necessidade de eu ter mais conhecimento. Foi quando fiz o primeiro curso sequencial de História e Cultura Afro-brasileira, foi em 2003.

**Entrevistador (a):** Como foi a sua trajetória no Curso de Geografia da UEPB com relação a ser mulher negra?

**Lúcia:** Tem discriminação sim. Ali no curso de Geografia tem. E assim as pessoas discriminam, mas é de maneira implícita. Eu me lembro de muito bem de um professor. Acho que era de Geografia Econômica. Não me lembro de bem, não. É um que tem cabelos brancos e morava em João Pessoa, ensinava em cursinho, aquela coisa toda. Eu me lembro de que uma vez ele chegou lá na sala e eu não sei com quem ele estava, estava com raiva, que ele falou tanto de negro. Quando ele olhou e viu que eu tava assim na sala, ele disse: olhe, mas eu gosto de pessoas negras. Tanto que minha filha faz capoeira. Aí pior foi a desculpa, foi muito pior a discriminação. A justificativa que ele foi dar porque ele gostava de negro, mas que o vizinho dele tava prejudicando, e aquela coisa toda. Aí cada vez que ele falava ai era que acentuava o racismo e a discriminação dele. Agora pessoalmente dentro da UEPB eu acho que só tive problema com o Professor de Filosofia. Mas não me lembro dele não. Ai foi um problema racial, mas nessa época, eu já gritava, eu já reclamava.

**Entrevistador (a):** Como se deu esse preconceito?

**Lúcia:** Foi na sala. Foi em relação a um conteúdo que ele tava explicando. Infelizmente até hoje tem professores e educadores, ele era só professor. Aonde tudo que ele colocava na sala, todo mundo tinha que aceitar. Colocado como se fosse a única certeza que se tinha. E não é assim. Aí eu fui discutir. Aí ele foi dizer que eu não tinha conhecimento e terminou por isso aí. Depois ele veio lá e viu que tinha exagerado e pediu desculpas no meio da sala a todos, porque eu falei que ia para a justiça. Eu acho que ele soube, ai na aula seguinte que teve ele disse: olhe me desculpa se exagerei em algum momento. Não foi essa a minha intenção. Aí eu não fui para a justiça não (Pausa).

**Entrevistador (a):** Em que momento a questão de ser mulher negra foi dificuldade?

**Lúcia:** É porque a mulher negra ela tem que matar um leão por dia. As pessoas negras parecem que todo dia, o seu, a sua graduação, o seu conhecimento tem que

ser provado. E isso, acontece até hoje (Pausa). É uma dificuldade que nós temos a de sermos aceitas. As pessoas não nos aceitam tranquilamente não. Por exemplo, e é principalmente quando você tá numa função que é tem certo destaque. Sempre tem aqueles colegas de trabalho que eles vêm até você. Isso daí explicitamente te desqualifica, o teu trabalho.

**Entrevistador (a):** Ser mulher negra foi um impedimento para você se relacionar afetivamente. Por exemplo, namorar?

**Lúcia:** Foi. Como eu disse. Assim. Na realidade eu sempre construí meus muros. Não é? E... (Pausa). Eu nunca, não é que eu nunca namorei, é logico que namorei. Mas que eu nunca confiava muito não. Entendeu? E eu acho que essa falta de cumplicidade hoje me levou a ser solteira (Risos). Porque eu sempre tava um passo adiante. Mas era verdade (Risos).

**Entrevistador (a):** Você botou muitas barreiras, construiu muitos muros?

**Lúcia:** E como... Que muros (Risos) Ai por exemplo. Olhe...

**Entrevistador (a):** A culpa é dos conselhos/orientações do Senhor Caetano?

**Lúcia:** (Risos)... Eu me lembro de um namorado que tive na escola de agronomia.

**Entrevistador (a):** Ele era branco ou negro?

**Lúcia:** Ele era negro. Mas... A minha questão era assim: como eu sempre construí meus muros. Eu acho assim que a questão do gostar não tem a ver com a cor de pele não. A gente olha, simpatiza e gosta. E confia e vai construindo uma cumplicidade. Não é? Mas ele era negro. Mas porque na época eu fumava e fumava muito e... Eu nunca fui eu nunca tive um gênio muito fácil de, vamos dizer assim de refazer o que pensei não. Eu tenho esse problema também. Olhe. Depois que eu coloco a cabeça ali, o sangue dar na canela como diz a história, mas eu vou em frente, e ele não gostava do cigarro. Foi por causa do cigarro que a gente terminou, e acabou-se (Risos). E se tinha talvez tenha sido a pessoa que eu mais gostei. Entendeu? Em relação aos outros. Mais que eu mais gostei. Eu acho que há uns seis anos atrás eu o encontrei em João Pessoa. Aí ele disse assim: há mais eu estou divorciado (Risos). Mas eu estou divorciado (Risos). Mas foi uma relação de afetividade que ficou. Para mim naquele momento de reencontro era amizade só. Eu

não tinha mais aquele sentido de construir outra coisa não. Entendeu? Se tivesse continuado na época tivesse sido uma pessoa que teria dado certo. Assim. Nós éramos parecidos, até nessa questão... Muito radical que nos tínhamos no pensamento, e a gente gostava muito. Gostava muito de ler, a gente participava do DA, a gente participava dessas discussões políticas. Na época nós tínhamos grupos de estudo, Nós tínhamos muita coisa em comum. Sabe? Mas um pequeno detalhe que não deu certo.

**Entrevistador (a):** Que outras questões você gostaria de falar?

**Lúcia:** Na realidade assim, o que eu gostaria de falar e o que eu vejo hoje. Os meninos que são os futuros educadores que eles tenham a sensibilidade de trabalhar a história e a cultura afro-brasileira nas suas salas. Porque só assim vamos construir uma sociedade diferenciada. E eu fiz uma formação: a cor da cultura. Em João Pessoa, no sertão, Alagoa Grande e Areia. E eu digo para vocês as maiores dificuldades, os maiores preconceituosos são os professores. E eles não sabem o mal que estão fazendo para seus alunos, porque nenhum aluno pode passar pela escola sem conhecer a sua história, porque eles vão valorizar a sua etnia se eles não conhecem a sua história. Aí eu penso muito nisso. Nessa sensibilidade. Porque a lei foi sancionada vai fazer dez anos. Mas a gente caminhou muito pouco e muito lenta. E se os (as) professores (as), gestores (as) não tiverem a sensibilidade de trabalhar nas suas escolas, nas suas secretarias, é muito difícil a gente mudar essa sociedade que está aqui presente hoje. Obrigada.

**Entrevistador (a):** Você já participou de alguma organização que discute a questão do negro e da mulher negra?

**Lúcia:** Não. Mas assim, não oficial. Por exemplo, lá em Zumbi a gente tinha e se eu retornar para lá a gente vai retomar o projeto África/Brasil. Onde no contra turno a gente, nós tínhamos encontros de alunos, pais e eu íamos sempre pra gente falar dos preconceitos, das discriminações. Tanto racial, como de gênero dentro da comunidade. Não oficialmente. Pretendo com esse projeto África/Brasil transformá-lo numa ONG ou numa associação que a gente possa dar continuidade a esse debate. E porque eu não participo aqui? Porque aqui na área urbana a gente não tem uma associação que discuta esses temas. Mas se tivesse eu gostaria de participar.

## ANEXO 3

## TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento eu, Maria do Socorro Gomes Silva Concedo entrevista aos estudantes Aline Pereira Santiago, Camila da Silva Nascimento, Ellen Hortência Silva Santos e Damião Cavalcante do Nascimento, integrantes da equipe do Projeto de Pesquisa: **Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: a construção da identidade negra e afirmação da cidadania**, coordenado pelo Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas e financiado pelo PIBIC/CNPq. No momento também autorizo a equipe da pesquisa a utilizar parte ou a entrevista total por mim concedida na escrita de trabalhos acadêmicos e relatório de pesquisa na área de História e afins junto a UEPB, Campus de Guarabira. A entrevista terá fins meramente acadêmicos na escrita de trabalhos sobre a trajetória de vida de professoras negras na Paraíba.

Alagoa Grande, 14 / 12 / 2012.

Maria do Socorro Gomes Silva  
Entrevistada

Damião Cavalcante do Nascimento  
Entrevistador

Nome completo: Maria do Socorro Gomes Silva

Data de Nascimento: 29 de setembro de 1955

Natural de: Alagoa Grande - PB

Endereço Completo: Rua: 13 de Maio, 272 - Centro  
Alagoa Grande - PB  
CEP. 58388-000

## ANEXO 4

## TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento eu, Lúcia de Fátima Júlio  
 Concedo entrevista aos estudantes Aline Pereira Santiago, Camila da Silva Nascimento, Ellen Hortência Silva Santos e Damião Cavalcante do Nascimento, integrantes da equipe do Projeto de Pesquisa: **Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: a construção da identidade negra e afirmação da cidadania**, coordenado pelo Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas e financiado pelo PIBIC/CNPq. No momento também autorizo a equipe da pesquisa a utilizar parte ou a entrevista total por mim concedida na escrita de trabalhos acadêmicos e relatório de pesquisa na área de História e afins junto a UEPB, Campus de Guarabira. A entrevista terá fins meramente acadêmicos na escrita de trabalhos sobre a trajetória de vida de professoras negras na Paraíba.

Alagoa Grande, 14/12/2012.

Lúcia de Fátima Júlio  
 Entrevistada

Damião Cavalcante do Nascimento  
 Entrevistador

Nome completo: Lúcia de Fátima Júlio  
 Data de Nascimento: 11 de outubro 1954  
 Natural de: Santa Rita  
 Endereço Completo: Rua João Pessoa nº 1188  
Alagoa Grande - Paraíba